



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**LUZINEIDE VIEIRA DE SOUSA**

**TENDAS DE UMA FEIRA:  
EXPRESSÕES E SENTIDOS NA PRODUÇÃO DE (ENTRE) LUGARES EM  
JACOBINA, BA**

Feira de Santana  
2016

## **Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado**

S697t Sousa, Luzineide Vieira de  
Tendas de uma Feira : expressões e sentidos na produção de (entre) lugares em Jacobina, BA / Luzineide Vieira de Sousa. – Feira de Santana, 2016.  
96 f. : il.

Orientadora: Elenise Cristina Pires de Andrade.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016.

1. Educação – Ensino e aprendizagem. 2. Feira livre – Aspectos educacionais – Jacobina, BA. I. Andrade, Elenise Cristina Pires, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 37.09



**LUZINEIDE VIEIRA DE SOUSA**

**TENDAS DE UMA FEIRA:  
EXPRESSÕES E SENTIDOS NA PRODUÇÃO DE (ENTRE) LUGARES EM  
JACOBINA, BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, para a obtenção do grau de Mestra em Educação, na área de concentração Educação, Sociedade e Culturas.

Orientadora: Profa. Dra. Elenise Cristina Pires de Andrade

Feira de Santana  
2016

**LUZINEIDE VIEIRA DE SOUSA**

**TENDAS DE UMA FEIRA:  
EXPRESSÕES E SENTIDOS NA PRODUÇÃO DE (ENTRE) LUGARES EM  
JACOBINA, BA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestra em Educação, na área de Educação, Sociedade e Culturas, Universidade Estadual de Feira de Santana, tendo a banca examinadora:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Elenise Cristina Pires de Andrade (Orientadora)  
Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS

---

Profa. Dra. Alik Wunder  
Universidade Estadual de Campinas-Unicamp

---

Profa. Dra. Alessandra Freixo  
Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS.

---

Prof. Dr. Marcelo Faria  
Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS.

Feira de Santana, 28 de Março de 2016

Resultado: \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho a todos os docentes, que, como eu, têm a possibilidade de pensar a educação para fora, de perceber que “aprender é criar saberes junto, para depois interiorizar a sua parte do saber coletivamente construído”, como nos disse Carlos Rodrigues Brandão (1983).

## AGRADECIMENTOS

Uma apaziguadora maneira de demonstrar as nossas gratidões, sem dúvida, não é nas enormes listas de nomes que o espaço comporta, mas na contribuição que recebemos das nossas situações mais inigualáveis. Por isso, sinto um imenso prazer em agradecer às pessoas mencionadas a seguir.

À professora e orientadora Elenise, pelo carinho, atenção, paciência, competência e compreensão com que indicou caminhos, corrigiu e (re) corrigiu a orientação e condução deste trabalho. Muito obrigada!

À professora Dra. Alik, pelas observações e sugestões feitas no momento da qualificação. Minha admiração e respeito pela profissional que foi comigo.

À professora Dra. Alessandra, que me ensinou a olhar para as palavras escritas, a analisar o sentido de feirante, feira, cidade. Suas observações foram fundamentais para que, aos poucos, a produção se transformasse, ganhasse novos territórios.

Ao professor Dr. Marcelo, que ajudou a compreender um pouco do sentido de espaço e lugar na geografia. Sou-lhe grata.

Ao povo da feira: André, Dona Anizete, Alailton, Dona Helena, Erivelton e Jamison. A participação de todos foi fundamental para descobertas e tensões produtivas deste meu trabalho de pesquisa. Obrigada a todos!

À coordenação e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação (UEFS), por possibilitar as condições técnicas e institucionais para realização desta Dissertação de Mestrado. Em especial, às secretárias e ao secretário, sempre prontos para nos atender: Aletheia, Regina e Hélio.

Ao Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XIII, pelo apoio na realização deste trabalho, em especial ao Prof. Climério, Izabel Dantas, Kaliandra, Milena Lopes, Ivete Silveira, Jeovania e Anaci.

À Deus, pelo viver e pela força, coragem, na realização deste sonho, que não foi fácil, mas que é uma imensa satisfação.

À minha família: meus pais, (*in memoriam*), pois, onde estiveres, estão realizados também com o meu sonho; aos meus irmãos, Francisco e Terezinha. À minha estimada irmã Lúcia, agradeço em especial, por me ajudar nas discussões do texto e por sempre estar comigo me apoiando nas horas mais custosas.

À Sofia, minha amada filhinha, que sempre entendeu meus momentos de aflições, ausências, e a quem dedico este trabalho. Te amo, muito filha!

## RESUMO

Esta dissertação procura indicar/apreciar, por meio das expressões e imagens em movimentos, os (entre) lugares que se produzem na feira livre de Jacobina/BA. Os afetos explorados foram percebidos das conversas, dos lugares sônicos de desejos, ritmos, fluxo sanguíneo, a nos provocar a pensar também as educações, o cotidiano e as diferenças culturais. Para tanto, caminhamos na cartografia das expressões através das conversas e fotos; cartografia das sensações, nos possibilitando entrar/sair do que “definimos” como conhecimento; e experimental, percebendo as intensidades que acontecem no lugar e criam territórios que se compõem em uma feira de vários lugares, (re) inventada nos movimentos dos desejos, com novas presenças no mundo, que nos coloca em crise ao pensarmos a educação para fora, à medida que nos (in) conformamos com a fixação de que haja blocos fechados, um espaço único de cultura e de ensinar e aprender-escola.

**Palavras chave:** Expressões. Diferenças culturais. Educações. Feira livre.

## ABSTRACT

This dissertation aims to point out (demonstrate/ highlight) through expressions and images in movement, the places which are produced in Jacobina's open market (State of Bahia). The exploited affections were perceived from conversations, sonic places of desires, rhythm and blood flow in order to provoke us to think about education, daily life and cultural differences. In this sense, we go through the mapping of expressions using discussions and photos; mapping of sensations, allowing us to go into/away of what we define as knowledge; and experimentally, realizing the intensities which happen in place and create other territories that compound in a fair many places, (re)invented by movements of desires from new existences in the world, which leads us to critically think education from outside as long as we do (not) accept that there are closed groups and only one cultural space to teach and learn school.

**Keywords:** Expressions. Cultural differences. Education. Free open-market.

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1	Numa feira, uma quermesse	18
Figura 2	Rio Itapicuru Mirim	21
Figura 3	Um olhar de Jacobina do bairro da Serrinha	22
Figura 4	O teatro da praça Rio Branco	23
Figura 5	O teatro da praça Rio Branco	23
Figura 6	Caminhada da Luz, Alto do Cruzeiro	24
Figura 7	A capoeira na feira livre	27
Figura 8	Nas barracas, muitas trocas	28
Figura 9	O pouso do inseto	39
Figura 10	Uma mesa de som	39
Figura 11	Um lugar de relações sociais	40
Figura 12	A capoeira cria, inventa lugares	43
Figura 13	Um sujeito da feira	44
Figura 14	As cores convidam nas intensidades	45
Figura 15	Caminhos que levam a outros lugares	45
Figura 16	Caminhos que levam a outros lugares	46
Figura 17	Um olhar, tantos sentidos	47
Figura 18	Con-versas entre amigos	49
Figura 19	Uma mulher, uma performance	50
Figura 20	Movimentos com presenças	52
Figura 21	Flores que in-ventam	53
Figura 22	Uma conversa, outros sentidos	58
Figura 23	Uma feira, dois tempos (Feira livre - 1964-2015)	59
Figura 24	Duas amigas: uma história	61
Figura 25	O instante provoca afetos	63
Figura 26	Das imagens, tudo flui	65
Figura 27	Rodas, sons, territórios	67
Figura 28	Olhar para fora, ou para dentro	69
Figura 29	Imagens que nos convidam	70
Figura 30	Imagens que nos convidam	70
Figura 31	Imagens que nos convidam	70
Figura 32	Lugares que desenquadraram para outros territórios	71

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>PRIMEIRA TENDA: AH... A FEIRA!</b>	<b>10</b>
1.1	DESEJO: NA FIGURA DA PROFESSORA PESQUISADORA	10
1.2	A CIDADE, UMA FEIRA LIVRE, DO REAL QUE FABRICA A TRAMA	20
<b>2</b>	<b>SEGUNDA TENDA: PERCURSOS CARTOGRÁFICOS</b>	<b>31</b>
<b>3</b>	<b>TERCEIRA TENDA: DOS ENTRE-LUGARES, NOS ENTRE-LUGARES, COM...</b>	<b>36</b>
3.1	NO VOO COM ANDRÉ	38
3.2	NO VOO COM DONA ANIZETE	46
3.3	NO VOO DE ALAILTON	52
3.4	NO VOO DE DONA HELENA	58
3.5	NO VOO COM ERIVELTON	62
3.6	NO ÚLTIMO VOO COM JANDERSON	66
<b>4</b>	<b>QUARTA TENDA: FEIRA DE MUITOS (ENTRE) LUGARES</b>	<b>72</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>74</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>77</b>

## 1 PRIMEIRA TENDA: AH... A FEIRA!

Nesta seção, serão discutidos os motivos que me levaram a escolher o objeto de estudo e as leituras que nortearam o desejo da pesquisa, os teóricos consultados, objetivos e justificativa do tema desta dissertação.

### 1.1 DESEJO: NA FIGURA DA PROFESSORA PESQUISADORA

*Tecendo a manhã*

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
 ele precisará sempre de outros galos.  
 De um que apanhe esse grito que ele  
 e o lance a outro; de um outro galo  
 que apanhe o grito de um galo antes  
 e o lance a outro; e de outros galos  
 que com muitos outros galos se cruzem  
 os fios de sol de seus gritos de galo,  
 para que a manhã, desde uma teia tênue,  
 se vá tecendo, entre todos os galos.  
 E se encorpando em tela, entre todos,  
 se erguendo tenda, onde entrem todos,  
 se entretendendo para todos, no toldo  
 (a manhã) que plana livre de armação.  
 A manhã, toldo de um tecido tão aéreo  
 que, tecido, se eleva por si: luz balão.  
 João Cabral de Melo Neto<sup>1</sup>

João Cabral de Melo Neto me auxilia a esboçar a intenção desta dissertação, “Na tenda de uma feira: expressões e sentidos na produção dos (entre) lugares em Jacobina/BA”. Essa figura que o poeta cria no desejo de invenção, de que vai tecendo as manhãs, não sinto ser diferente do povo da feira livre, que, aos fios do sol, no amanhecer do dia, já está em plena atividade para preparar a barraca a fim de que o freguês aprecie e compre. Essa contemplação se expande desde a imagem que abre esse texto, onde vozes, produtos, ruídos, imagens e desejos oferecem-se para produzir a dinâmica da feira livre. As barracas vão sendo arrumadas de maneira que o freguês possa contemplar todos os produtos, um chama dali, outro grita daqui, esse cotidiano se inventa de mil maneiras das ações praticadas pelos vendedores.

Quando o dia escorre no brilho do sol, o povo da feira já está a postos para comercializar os seus produtos e compartilhar muitos saberes, em um lugar de hibridização da

---

<sup>11</sup> Fonte: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/joao02.html>>. Acesso em: 16 de dez. 2014.

linguagem, como sentidos e expressões das culturas, das educações. Um acontecimento por expressões, imagens, possibilitando uma porta aberta, um devir educação, um devir culturas, sentidos inesperados e perturbador de novos mundos. “[...] Devir é tornar-se cada vez mais sóbrio, cada vez mais simples, tornar-se cada vez mais deserto e, assim, mais povoado” (DELEUZE, 1992 apud KASTRUP, 2014, p.79).

“Olha o troco, olha a troca! Dou-lhe duas, dou-lhe três!” Do som que vem do carrinho, na coletânea de *marketing* que o moço faz, perambulando pela feira livre, para conquistar o freguês que já chegou e começou a comprar. Nessas trocas e trocos, sentidos que potencializam os lugares de muitos ecos, de encontros e invenções, de ruídos que se transformam em palavras, significados de expressões do lugar, no jeito das pessoas em se cumprimentar, nos olhares que se cruzam por um instante e depois se desviam, procurando outros olhares, não se fixando nas coisas, mas em um movimento à procura de preços menores, em uma rotina que acontece de quarta a sábado.

No entanto, o dia em que as barracas encham os olhos dos fregueses, pelas cores intensas, cheiros atrativos, sons, texturas, na composição desta feira, é o sábado, dia escolhido para nossa pesquisa, de maior fluxo de pessoas. É quando o povo da feira encena uma performance: canta, grita, fantasia, para atrair e seduzir o freguês, que já anda em ziguezague de uma barraca para outra, distinguindo-se entre diversos produtos: frutas e cereais, roupas e utensílios domésticos, uma entrada aqui, uma saída ali, um banco para apoiar o cesto, um assunto para dialogar,

Tais movimentos expressos no local, pelas ações do seu povo, produz um desejo em mim de buscar desafios para a minha prática e conhecimentos com presenças e conexões das culturas e educações. Busco dar vida a esses conceitos que derivem em conexões múltiplas, mas, principalmente, de ser afetada, *des-construir* ideias sempre capturadas por um modelo habitual, forçar uma rachadura, em que as minhas experiências promovam devires inesperados.

Nesse tecer, das manhãs de sábado, lembranças de um tempo em que, da janela do quarto, eu podia ouvir sons de vozes (des) conexas, sem começo e fim na algazarra do povo, na montagem das barracas, das passagens de carroças para abastecer outras barracas, entre frutas e cereais; ruídos das conversas amigáveis, entre saberes, vozes, imagens e desejos ecoando nos lugares em que os sujeitos experimentam muitos saberes das culturas e das educações.

Imagens que geram e desenham ávidas presenças dos meus 10 anos, indo à feira de Jacobina, BA, com meus pais, para degustar o mingau de Dona Lenita. Longos tempos, na

convivência desses ruídos, entre imagens, narrativas do povo da feira. Memórias atravessadas por um corpo vibrátil em mim, aprendizado para a vida inteira, em que o desejo esboçou afetos de um movimento contínuo de encantamento, no qual, ao surgirem novos afetos, efeito de novos encontros, certos desejos tornaram-se inventivos, movimentos de pulsação, afetos que agora existem rumo ao grande desejo de toda pesquisa. Para Kastrup (2014, p.73), “Nesse ponto, não é mais um sujeito pesquisador a delimitar seu objeto. Sujeito e objeto se fazem juntos, emergem de um plano afetivo”.

Como entrar novamente nessa feira, senão pelas expressões e sentidos, que vão produzindo os (entre) lugares? Uma porta de entrada que se cria na intensidade dos movimentos vividos por esse povo. Como produzir uma escrita desses afetos que pedem passagem? Para tanto, é preciso traçar uma cartografia do lugar.

Segundo Kastrup (2014, p.53) “a pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos”. Por isso, vou me deixando levar pelos movimentos do lugar, acreditando que a prática de acompanhar vai costurando uma colcha de retalhos que se estende na escritura do texto.

Resolvo, então, fazer um levantamento de referências, com leituras através de consulta a artigos, dissertações e teses, selecionados por meio da busca no banco de dados da Capes e do Scielo. Encontro 16 artigos e seis dissertações que tratavam do tema da minha pesquisa e, dentre esses, nove provenientes da região nordeste e sete do sudeste brasileiro.

Leio-os e escolho aqueles que me parecem interessante para as bases desse trabalho, como a dissertação de Pacheco (2009), que discute a diversidade de experiências comungadas na feira livre e das características peculiares dos vendedores provenientes do campo para a cidade. Nela, encontrando outros trabalhadores e, nesse movimento, almejando discutir as políticas públicas direcionadas ao mercado, repensando o lugar sob a perspectiva das mudanças alcançadas.

A discussão realizada em diversos momentos do trabalho corta mais profundo ou faz pensar nas relações sociais: como elas foram travadas em conflito ou em negociação com as políticas públicas direcionadas ao mercado de abastecimento; e, como depois, retornaram diante da possibilidade de mudança, expondo um passado-presente, nas lutas pelas melhorias do lugar. Trabalho que se torna relevante nesta pesquisa, pois problematiza as ações cotidianas que são produtoras de transformação na articulação da cidade, feira livre e vendedores.

O estudo de Paim (2005) introduz o universo de algumas feiras livres da cidade do Salvador, BA, investigando o cotidiano dos vendedores, dando ênfase à participação ativa das

mulheres negras neste ambiente de trabalho. A pesquisadora analisou a feira do Sete, de Água de Meninos e São Joaquim, entre os anos de 1964 a 1973, ressaltando aspectos da cultura afro-brasileira ali presentes, assim como a questão de gênero, sob a representação da mulher no trabalho da feira livre. Torna-se pertinente aos nossos estudos pelo reconhecimento das subjetividades dos sujeitos vendedores na construção de suas identidades culturais.

Destacamos, na dissertação de Santos (2007), a investigação do cotidiano e as experiências dos feirantes, no campo e na cidade, discutindo de que forma esses trabalhadores foram se inserindo e ocupando o espaço da cidade, além de identificar como contribuíram no processo de construção do retrato urbano da cidade da Capela, BA. Tal trabalho torna-se interessante aos nossos estudos pela investigação feita ao cotidiano do povo da feira, trazendo uma ruptura com o sistema social vigente e possibilitando pensar a cultura na fronteira das diferenças.

Lucena (2012), em seu estudo, tem por finalidade problematizar os saberes marcados por múltiplas subjetividades no espaço da feira livre de Alecrim, RN, destacando, ainda, o trabalho infantil e os aprendizados que o lugar propõe a esses sujeitos, aparentemente presos no conformismo das suas histórias. A pesquisadora problematiza a questão dos sujeitos serem capturados por um sistema, mas que almejam um lugar de transformação, de criar novos territórios.

O estudo de Borges (2009) desdobra-se para as narrativas dos vendedores, nos modos de vender, em Feira de Santana, dando ênfase nos estudos da linguagem, cultura e sociedade, apontam para muitos afetos que estão ligados a nossa pesquisa nos desejos de perceber nas linguagens, atravessamentos de culturas e educações, a partir das expressões, sentidos, imagens enunciadas, um avultamento de ideais que nos despertam para compreendermos os sujeitos na produção de discursos.

Esses são alguns estudos geradores de desejos, como movimento, de encontrar nossos caminhos a percorrer uma primeira aproximação nas escolhas dos afetos, na produção dessa pesquisa. Muitos deles são elucidativos porque mostram diferentes perspectivas sobre a feira livre, realizados em uma concepção antropológica, histórica, linguística e geográfica.

A essa altura já estou determinada a enveredar por uma perspectiva que possibilite perceber no povo da feira as suas relações, seus conflitos sociais, sua minoria, seus grupos excluídos. Aqui, as ideias ficam mais acentuadas e resolvo seguir no caminho da linguagem, que me move para mergulhar no lugar, procurando os afetos que pedem passagem, das intensidades que se fazem do passado-presente. Atenta às expressões que encontro, sem nada desperdiçar ao que me pareça pertinente para a composição dos (entre) lugares, dos

entrelaçamentos das culturas e educações, é que vou organizando essa escritura poética: por um lado, pego no berro das cantarias, vozes, escutas pontuadas por um tom de ironia: *Venha mulher casada, vem comprar! aqui você não paga, quem paga é seu marido*. Ruídos transformados em palavras, imagens vivas e inventivas, o modo cotidiano do povo da feira, que guardo desde o tempo de criança – é nesses fios que teço um bom diálogo. Desafio, assim, esta minha grande tenda.

Por outro fio, da linguagem onomatopaica, porque são ruídos dos aparelhos eletrônicos, capoeira, repentistas dedilhando versos da literatura cordelista, gente imitando animais, que são potentes para estudar junto, estudar entre. É o lugar de muitos saberes, de muitos sentidos, aprendizado para a vida toda. É na fronteira dos afetos e intensidades produzidas na feira que me inspiro a indicar os (entre) lugares; na companhia de teóricos e nesse caldo de coisas que a feira livre me proporciona.

Posso, então, dizer que meu olhar procura fazer viver uma experiência de uma outra maneira, ou seja, deixar as intensidades ganharem sentidos, produzindo outros mundos e desmanchando outros já existentes. Criar novos territórios, movimentos das indicações dos desejos, para compor novas ideias provindas dessas teias e tramas de significados vividos no cotidiano do povo da feira livre.

Do lugar, posso pensar em conceitos de afetos, desejos, movimentos, aportados pela perspectiva da cartografia, entre expressões, entre imagens e ruídos, entre teóricos, no caso de Rolnik, Kastrup e Deleuze, que fazem pensar na feira uma entrada dos agenciamentos, dos pensamentos, uma força que induz trazer para a beirada sentidos de educação para além da escolar.

Nesse sentido, meu objeto da pesquisa ganha forma desse lugar encontrado e que faz parte da vida e formação da minha gente, da minha história, das minhas vivências, dos meus desejos. É uma presença que gruda em mim, que se potencializa dos afetos e convulsões mescladas de lembranças, pulsações, conhecimentos e aprendizagens.

Ao pensar na feira livre tem-se um começo de uma grande desarrumação – contemplam-se diversos produtos que são selecionados de muitos caixotes, antes que os fregueses cheguem; o vendedor monta a barraca, arrumando as frutas de forma que o freguês veja qualidade e impressão. Partindo desse sentido, tomo a liberdade de dizer que assim sou eu, compondo esta dissertação, separando e escolhendo fontes, que vão dos relatos que li nas matérias do jornal empoeirado na prateleira do Arquivo Municipal de Jacobina-AMP, dos livros, das conversas amigáveis com colegas, pesquisas e investigações acadêmicas, que ora conectavam ao que pretendia, ora (des) conectavam. Pensando bem: escrever é enfrentar os

limites, em que transformo imagem desenhando rendas, capazes de transmitir uma ideia organizada.

Todo esse começo já provocava uma ideia para buscar mais fios dos desejos, de trazer da feira livre movimentos que tanto me seduziam a percorrer um caminho de estudos das culturas e das educações, de começar pelo lugar das expressões, das imagens que pareciam interessantes para caminhar nesses afetos, produzindo outros sentidos, desfrutados das ações cotidianas do povo da feira, no desafio de (re) inventar minhas forças vivas, de perceber novas formas de presença no mundo, que nos convida a uma trama sensível de enfrentamento.

Para entender um pouco mais essa presença e conexão de desejos é necessário remontar a minha intenção para chegar à problemática pesquisada. Assim, o desejo de estudar a feira alargou-se na experiência como professora do ensino fundamental no Colégio Municipal de Jacobina, COMUJA,<sup>2</sup> durante oito anos e, naquele período, realizei projetos na disciplina de língua portuguesa, sobre a linguagem das culturas populares, procurando quebrar qualquer atitude de preconceito linguístico. Com isso, assumi um acordo político com os alunos, de enveredar nessas trilhas, desfazendo visões polarizadas para produzir um pensamento novo, que ocasionasse aos saberes da ciência, saberes outros.

Não parei nessas ações, nos anos seguintes publiquei o artigo “A Marujada de Jacobina: seus versos, seu reflexo de língua”,<sup>3</sup> produção escrita do projeto desenvolvido sobre o estudo da literatura na periferia, dando relevância ao conhecimento nas práticas sociais, sendo mais um entendimento, na compreensão dos conceitos de representações culturais. Continuei estudando o tema, aguçada por novos desafios enquanto ingressava como professora na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), me indicando um caminho teórico maior para minha pesquisa ser desenhada em um ponto de encontro entre esses conceitos centrais: culturas, educações e feira livre.

Nesses arranjos, meu percurso já estava traçado: perceber, nos (inter), os (entre) lugares que se (de) compõem nas relações cotidianas do povo da feira livre, através das expressões e imagens capturadas nesse lugar praticado. Para Bhabha (1998, p. 69),

[...] O entre-lugar-carrega o fardo do significado da cultura. Ele permite que se comecem a vislumbrar as histórias nacionais, antinacionais, do “povo”. E, ao explorar esse terceiro Espaço, temos a possibilidade de evitar a política da polaridade e emergir como os outros de nós mesmos.

---

<sup>2</sup> Atualmente, Colégio Municipal Gilberto Dias de Miranda, CGDM.

<sup>3</sup> SOUSA, Luzineide Vieira. A Marujada de Jacobina: seus versos seu reflexo de língua. *ADM Revista-UNEB*, ano 4, n.6, 2005.

Assim, algumas questões desenharam-se, mas uma ocupou uma força decisiva: o que as imagens e expressões nos dizem dos (entre) lugares impressos nas práticas cotidianas do povo da feira livre de Jacobina-BA?

Chamo Barros e Kastrup (2014, p.73) nos dizem que

Afetos próprios de um território, de um projeto, de um modo de fazer. Assim, os relatos são exemplos de como a escrita, ancorada na experiência, performatizando os acontecimentos, pode contribuir para a produção de dados de uma pesquisa. Ao escrever detalhes do campo com expressões, paisagens e sensações, o coletivo se faz presente no processo de produção de um texto.

Tento conferir, às expressões e imagens que aparecem no texto, significados outros, intensidades que vão permitindo o nascimento dos elos em nós. Por isso, as expressões e imagens tomam força à medida que se faz viva e (in) ventiva, carregando muitos significados. Podemos dizer, então, que a pesquisa se faz em movimento, no estar junto de processos que nos tocam, nos transformam e produzem mundos.

Junto-me a Bhabha (1998, p.22) para iniciar a discussão de que é preciso “[...] passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais” e deixar-me levar.

Nesse sentido, da feira livre quero confabular com a diferença cultural, o hibridismo da linguagem, os (entre) lugares entre outras categorizações, que possam compor a trama discursiva desse trabalho. Desejo uma invenção comprometida com as pessoas e com suas expressões, envolvida com a feira que se arma semanalmente com resistência à cognição capitalista que deseja pedagogizar relações e gestos.

Para Bhabha (1998, p.63), “[...] a diferença cultural é o processo da enunciação da cultura como “conhecível”, legítimo, adequado à construção de sistemas de identidade cultural”. Por meio desse conceito, quero chamar atenção para o povo da feira que produz lugares híbridos de luta nos deslocando do pensamento dualista de tradição imutável *versus* modernidade homogeneizadora. E, mais adiante, Bhabha nos diz: (1998, p.63)

A diferença cultural é um processo de significação através do qual afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade.

Sendo assim, vou alinhavando fios de escrita, permeada pela linguagem e dos afetos que circulam na feira. Como salienta Bhabha (1998, p.51)

[...] a linguagem ultrapassa as bases de oposição dadas e abre um espaço de tradução: um lugar de hibridismo, onde a construção de um objeto político que é novo, nem um e nem outro, aliena de modo adequado nossas expectativas políticas,

necessariamente mudando as próprias formas de nosso reconhecimento do momento da política.

Portanto, escrever não é uma atividade fácil quando se quer acolher outras palavras para ecoar outros sentidos, outros encontros inusitados para a língua, e extrair dela disposições de quem se apropria como pedra preciosa e que vai garimpando até extrair dela o sentido ou o sem sentido óbvio, expressões e sentidos que se desdobram e proliferam em meio a tantas vozes, ecos que escorrem pelos (entre) lugares da feira.

Em Bhabha (1998, p.37), isso é entendido como “[...] um terceiro espaço da enunciação, um espaço ambivalente e contraditório, de onde emerge a identidade cultural”, evento que aconteceria no momento da enunciação, em que emergem outras vozes e histórias discordantes, porém, o sujeito se posiciona como possuidor de uma enunciação particularizada.

Quando falamos nessa ambivalência da linguagem, queremos dizer que o novo lugar de enunciação implica uma temporalidade discursiva híbrida e transgressora. A voz da minoria já ressoa no enunciado, e não em um conformismo de passado-presente.

Segundo Bhabha (1998, p.51)

[...] Em tal temporalidade discursiva, o evento da teoria torna-se a negociação de instâncias contraditórias e antagônicas, que abrem lugares e objetivos híbridos de luta e destroem as polaridades negativas entre o saber e seus objetos e entre a teoria e a razão prático-política.

Esse, então, seria um traço dos tempos contemporâneos, em que no interior dos sistemas e estruturas sociais algo novo começa a surgir, os (entre) lugares que (des) territorializam um passado-presente no qual os acontecimentos se sucedem ao se encadearem e se concatenam e ao se sucederem em um fluxo temporal, produz como efeito um território como tradução de um sentido histórico realizado.

Nesse sentido, torna-se evidente, para os novos tempos, que o presente não apresenta um passado de tradição, o que temos é uma imagem de identidade e a transformação do sujeito pelo lugar discursivo que esse assume.

Para Bhabha (1998, p.115),

[...] a força do discurso colonial e pós-colonial como intervenção teórica e cultural em nosso momento contemporâneo representa a necessidade urgente de contestar singularidades de diferenças e de articular “sujeitos” diversos de diferenciação.

Em outras palavras, é um momento de deslocamento de uma história de tradição e um reconhecimento das lutas de forças que emergem dos discursos políticos de negociação.

Ao enveredar-me na composição dessa escrita, logo me vem à imagem da quermesse, muito frequentada, uma cabana de feira anual, de grande valor religioso, com festejos, sabores deliciosos. Nela, há vários tipos de lugares na dimensão do espaço cotidiano: dos encontros e (des) encontros, da amizade, do cantador, e do leitor. Desse modo, identifico meu objeto de estudo com a festa da quermesse, não apenas pela representação, mas pela plasticidade dos sentidos que dialogam nos lugares de fendas, fluidez, movimentos que podem ser manejados e utilizados por outros que assim queiram.

Figura 1: Numa feira, uma quermesse



Entre as cores vivas das lonas que cobrem as barracas e o ar da feira livre, entre as pessoas do lugar, as múltiplas conexões que se criam entre lugares estreitos, efêmeros, por entre esses afetos potentes que dominam a tenda, a cidade, as ruas, as subjetividades. Abrem-se portas para as expressões e sentidos, criam-se mundos, um tapete voador. Lona tapete.

Por entre voos e andanças, optei por dois caminhos metodológicos: nas pistas do método experimental, vou agrupando uma diversidade de conceitos de lugar, espaços, culturas, educações, uma espécie de metonímia em que experimento no mergulho de cada cena enunciativa, de modo que o corpo vibrátil em mim ressoa as intensidades do lugar. Para isso, as ferramentas utilizadas foram as entrevistas semiestruturadas, as conversas informais, gravações, fotos e o diário de campo.

Segundo Kastrup (2014, p.71) “o diário de campo é um elemento importante para a elaboração dos textos que apresentarão os resultados da pesquisa”, porque há polifonia de

vozes de participantes e teóricos que se conectam, entram em agenciamento coletivo de enunciação.

Encantei-me com o método cartográfico para descrever as expressões e sentidos da tenda, para o reconhecimento maior do campo, onde o tempo presente é um indicador para pensar a feira e seus movimentos, seus desenhos, a sua performance. Também como caminho de inspiração no exercício de preparação da composição advindas do material conseguido nas entrevistas. A partir disso, fui construindo uma intertextualidade e, para dar conta dessa atividade, recorri aos estudos de Rolnik, Kastrup, Deleuze e Guattari. Por exemplo, muito de Rolnik que se encontra aqui foi incorporado indiretamente através de bricolagem dessa pesquisadora, presente nas crônicas dos participantes da pesquisa e que estão representando o povo da feira livre de Jacobina.

Na companhia de Deleuze (1992), “[...] É preciso pegar as coisas para extrair delas as visibilidades... é necessário rachar as palavras ou as frases para delas extrair os enunciados”. Por isso, busquei as intensidades nas expressões e imagens, que também possibilitou-me inventar os (entre) lugares que se produzem nos espaços da feira, proliferados do cotidiano do povo e que resulta na tessitura deste trabalho.

Tracei bases teóricas em companhia de Certeau, pensando o cotidiano como aquilo que nos é dado cada dia, ou que nos cabe em partilhar, de que produzimos um espaço à medida que articulamos os elementos do lugar, conjunto de sentidos, extensivos de determinados pontos no espaço, uma disposição de elementos, em que sujeitos modificam uma cultura e permanecem enquanto faz sentidos.

Trago Bhabha como incendiador de uma discussão acadêmica que impulsionou pensar nos estudos culturais, os (entre) lugares, o hibridismo e diferenças culturais; e valho-me das discussões de Veiga Neto para pensar a multiplicidade e possibilidades de entendimentos sobre as culturas e educações. Nesse mesmo percurso, fui buscar em Brandão uma compreensão da educação como saber coletivo.

Com essas vozes e outras que eu ouvia na trajetória de estudos intelectuais, me foi permitido traçar os objetivos da pesquisa – como objetivo geral, procuro conhecer/apreciar os (entre) lugares produzidos pelo povo da feira na construção da feira livre do sábado, que passa a ser observada através de um novo (des) enquadramento. Mais especificamente, objetiva-se: indicar, nas ações cotidianas do povo da feira livre de Jacobina/BA, por meio das imagens e expressões, os (entre) lugares que se expressam nessa feira efêmera e diversa, inscrita na contemporaneidade – a) Descrever movimentos que potencializam os (entre) lugares; b)

Fortalecer a feira como lugares de inventar educação; c) Reconhecer a feira como construtora de potências das culturas e das educações.

Para tanto, esta dissertação está composta de várias tendas que se armam no intuito de produzir outras tendas: A primeira delas, a dos desejos, das minhas memórias na feira livre, desejos intensos, associados à minha infância, à inquietação da professora no papel da pesquisadora, traçando caminhos nos conceitos de diferenças para conectar com as culturas, as educações e com outros movimentos, à narrativa pela cidade, a feira livre, com esses afetos, a pesquisa se desenhou e prosperou.

No compasso da segunda tenda, mais do que método, era preciso entrar no lugar, compreender os movimentos acompanhando os processos, por isso, escolhemos caminhar na cartografia, uma correnteza para as escolhas do campo metodológico, ora veloz, apressada, ora silenciosa e fria, ora escaldante e incendiante, condições para que o *corpus* fosse pesquisado. Nessa prática de acompanhar os movimentos, também optamos caminhar no método experimental, querendo entender os desejos que se misturam nesse lugar de tantas fronteiras e caminhar na cartografia do lugar para conhecer o que acontece com o povo da feira, que faz das ações cotidianas os afetos de saberes.

Entre tantas vozes, a terceira tenda vai sendo aprontada com os teóricos e o povo da feira. É que, enquanto se expressa um diálogo mais elaborado sobre os conceitos centrais, buscando compreensão em uma cultura em movimento, não se para de fazer encontros com outros corpos, humanos ou não, são corpos que se fazem outros, para nos dar condição de entender a dinâmica das expressões e imagens, bem como o lugar da enunciação, que implica em novos afetos híbridos e transgressores, que pedem passagem ao tempo que são efetuados. Para Deleuze (2006, p.), “[...] partilhar alguma coisa é remar junto, é estar no mesmo barco”, por isso, a proposta de apresentar os resultados investigados em produções de crônicas veio se constituindo por muitas vozes que nos remetem à força produtora dos (entre) lugares.

Na quarta tenda, o fechamento contém a análise dos resultados da investigação. E, por remate ou abertura, essa tenda já se escancara em linhas de continuidade, que podem ser seguidas por nós, ou por outros pesquisadores que sejam afetados pelo problema levantado.

## 1.2 A CIDADE, UMA FEIRA LIVRE. DO REAL QUE FABRICA A TRAMA

A cidade de Jacobina não só apresenta seu passado, ela o coleciona como novelo de lã, que se desenrola entre as serras, as quedas d’águas cristalinas das cachoeiras, que formam o Parque das Cachoeiras, por entre as ladeiras sinuosas, as escadarias do Cruzeiro, pontes,

becos, rios Itapicuru Mirim e Rio do Ouro, que atravessam a cidade, pelas pinturas das casas, na imagem de um presépio. Fios que se somam às fendas por onde escoam os olhares.

A cidade formou-se e continua a se formar sob muitas etnias, pessoas de origens europeias, afrodescendentes e indígenas, todos juntos; um pouco de sangue e pele de diferentes lugares, épocas, saberes, expressões, se espalham. Esse outro (?) novelo acontece devido ao seu processo de colonização, já que foi, inicialmente, povoada por criadores de gado e teve seu crescimento maior no século XVIII, provocado pela exploração de ouro existente no lugar.

Ao chegar a Jacobina, situada ao Norte da Chapada Diamantina, distante de Salvador 330 km, os visitantes encontram-se, subitamente, à frente de uma cidade de muitas belezas, dessas que já foram mencionadas e de uma junção de muitas culturas.

Figura 2: Rio Itapirucu Mirim



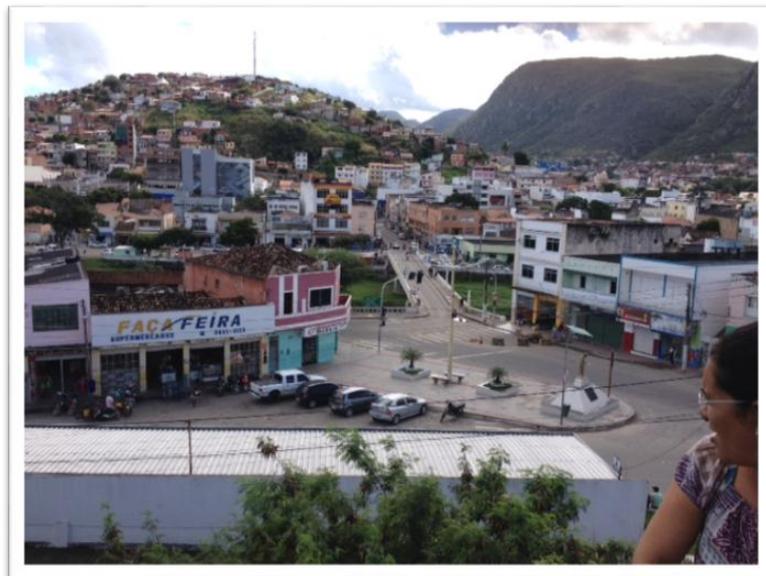
Quem olha Jacobina pode encontrar outros fios nas histórias narradas pelo seu povo. E mais: compreender a força e intensidade das lutas dos moradores que esperam dias melhores, além do encantamento entoado pelos seus cantadores. Poucas produções mostram a Cidade dessas outras riquezas, as obras escritas por historiadores têm destaque maior para os grandes homens fundadores, os quais até hoje aparecem com grande poder político.

Apostamos que para se estabelecer uma possível imagem de Jacobina é preciso mergulhar nas trilhas e tramas tecidas pelas memórias dos moradores entre o passado e presente, enrolados em um mesmo novelo, que vão fornecendo sentidos aos nossos desejos, pelo olhar com que a contemplamos e imaginamos. Em todos os pontos da cidade, há surpresas: uma praça com estátuas revelando sua história, pontes cobertas e expostas,

apresentações de expressões artísticas como danças de rua, capoeira e formas de teatro popular, enchendo as praças com potência das micropolíticas. Segundo Rolnik (2014, p.11) “[...] em sua relação com o político, o social e o cultural, através dos quais se configuram os contornos da realidade em seu movimento contínuo de criação coletiva”, que nem sempre passam despercebidas pelos admiradores ou também nas experiências religiosas que agregam diferentes tradições da Cidade.

Cidade visível, exata, apressada e leve, formada por teias de histórias, do seu povo mestiço, de poetas que cantam nos versos compostos para os festivais locais. Partilha de muitos acontecimentos para se produzir pesquisas, pelos tantos desejos de forças que se encontram conectados, possibilitando outras subjetividades dos/nos moradores com outras gentes, que os aproximam, sob outros sentidos e afetos, dando novos desejos e sentidos transformando vivências de gentes e lugares.

Figura 3: Um olhar de Jacobina do bairro Serrinha



Segundo Certeau (2003, p.169), na cidade “[...] seu presente se inventa, de hora em hora, no ato de lançar o que adquiriu e de desafiar o futuro. Cidade feita de lugares paroxísticos em relevos monumentais”. Uma tela tecida pelas ações cotidianas do seu povo, de transformar os lugares fixos em fluxos e movimentos possíveis de conexões entre povos, culturas e educação.

As cidades devem ser exploradas sem desperdícios nos movimentos, nas artes, na literatura e costumes, nas teias que se tecem das expressões que dão afetos e que se tornam visíveis à medida que se tornam potências.

Calvino (2003, p.8) esclarece que

[...] A cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte, e, uma vez que aqui se goza tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de residir nesse desejo e se satisfazer.

Nas praças, encontram-se pessoas, o teatro, e que, aos poucos, nos damos conta de que o lugar vai se (des) territorializando e intensificando as expressões que se fazem presenças, permitindo vivenciar outros sentidos, uma sensação que algo novo começa, criando uma conexão com outros territórios. No dizer de Deleuze e Guattari (1997, p.132 apud KASTRUP, 2009, p. 134), “O território é antes de tudo lugar de passagem”.

Figura 4: O teatro da Praça Rio Branco



Figura 5: O teatro da Praça Rio Branco

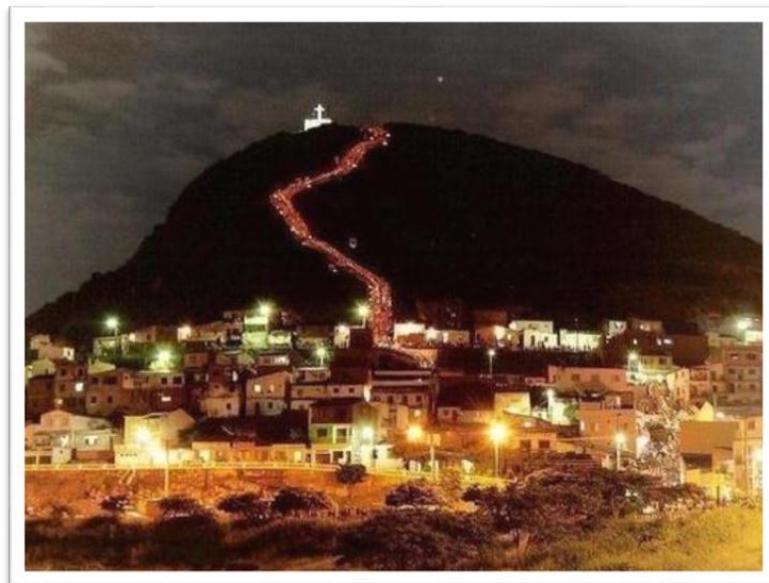


A sintonia da cidade com a arte é pragmático-poética, vê-se os grupos nas praças fazendo apresentações, encenações de narrativas (in) ventadas dando corpo para outras criações poéticas, criando novos desejos a partir do tapete cultural. E não importa se o roteiro da narrativa segue uma rota, como a praça também está aberta para outros movimentos.

Praça, lugar de muitos símbolos culturais: rodas de capoeira, surgidas nas comunidades dos bairros que também criou seus territórios na feira livre; a micareta, que para os historiadores mais antigos teve seu surgimento nessa cidade, é atração de muitos visitantes.

Dentre esses símbolos culturais, a Caminhada da Luz – relevância maior para os fiéis católicos, realizada na Semana Santa para chegada ao Alto do Cruzeiro – em fila vai se constituindo de homens na frente, mulheres e crianças mais atrás, todos com tochas de fogo na mão, celebrando os mais de 200 degraus de pura fé e devoção. Em seguida, a banda filarmônica Dois de Janeiro faz o acompanhamento e espera no início da subida do morro para a benção do padre. E temos outras romarias de fiés católicos: festa de São Benedito e Santo Antônio. Além disso, temos o reisado, a Marujada e tantos outros símbolos que fazem parte das vivências do seu povo.

Figura 6: Caminhada da Luz, Alto do Cruzeiro



Fonte: [http://1.bp.blogspot.com/-e TI vqFrphDE/SqI-r\\_I6.j.AAAAAAABI0/iTfT-XM Uq AK/s1600-h/caminhada+luz.jpg](http://1.bp.blogspot.com/-e TI vqFrphDE/SqI-r_I6.j.AAAAAAABI0/iTfT-XM Uq AK/s1600-h/caminhada+luz.jpg)

A cidade se dilata na trama da feira livre, esparramada pelos becos e movimentos, hábitos e costumes nas formas e uso dos espaços, como lugar de sentidos e nos modos de convivência. Mas, muito valioso é poder percorrê-la com o pensamento, possível de se perder,

em uma paragem para contemplar a capoeira, ou dar forma aos desejos em que esses conseguem desenquadrar o lugar ou são por ele desenquadrado.

Aos poucos, a feira livre vai servindo como lugares <sup>4</sup>de enunciação dos sujeitos em uma temporalidade discursiva híbrida e transgressora. É a partir das inter-relações que o povo da feira incorpora aspectos culturais do ‘outro’, formando, assim, um hibridismo cultural e não uma tradição em si mesma. A identidade desse sujeito se coloca no lugar do enunciado, e não no da coerência ou da tradição.

É nesse sentido que a capoeira cria na feira seus territórios próprios, de um projeto, de um modo de fazer, performatizando os acontecimentos e surgindo motivos e expressões, um lugar de passagem.

Figura 7: A capoeira na feira livre



Da roda de capoeira se acolhem os movimentos de desejo que ela nos capta e, sobretudo, faz valer as intensidades de consistência para os fluxos de afetos desterritorializados, que o atravessam e nos permitem desalojar de nossas falsas certezas sobre a luta, ela é o sentido dinâmico da cultura, expressão da nossa língua. Em Kastrup (2014, p.139) “Um capoeirista que participa cotidianamente dos treinos e das rodas não se dá conta de como sua rotina transforma os modos de perceber e atribuir sentido a esse mundo que se lhe afigura tão próprio”.

Assim, esses movimentos que deslocam a feira livre para outros sentidos e expressões, que se juntam a trocas, uma força viva das diferenças culturais e educações, indicam que nada na feira é simétrico, tudo é movimento. Como dizia Certeau (1994, p.202), “O espaço é um

<sup>4</sup> “Lugares” como territórios de muitas intensidades.

cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram”.

A feira livre é um lugar de fluxos constantes, que permeia movimentos consistentes de gentes que compram, vendem, cantam, dançam, bebem, se divertem, tencionam os lugares, os preços, as roupas, os cabelos. Objetos, conceitos, cheiros, ruídos, pesquisas, educações, culturas. Misturas a se atravessarem em uma intensidade de criação de formas de expressão para as sensações intransmissíveis.

Segundo Deleuze e Guattari (1997, p.132 apud KASTRUP, 2014, p.134) “O território é antes de tudo lugar de passagem”. De tal modo, procuramos acompanhar o objeto que pesquisamos na cartografia dos sons, dos enunciados sônicos e as paisagens melódicas que vão compondo os territórios da nossa pesquisa.

Por essas andanças me percorre o som dos versos cantados por Clara Nunes “Moleque sai daqui/ me deixa eu trabalhar/Zé saiu correndo pra feira dos pássaros/E foi passo voando pra todo lugar”<sup>5</sup>. Ruídos de afetos, que atravessam em seus aleatórios encontros, intensos movimentos de um olhar vibrátil projetado-em-nós, de percebermos os sentidos contraditórios e ambivalentes no interior da feira.

Comumente, a feira livre se constitui em um lugar de encontro e fluxos de pessoas, produtos, cidades de pequeno porte, com diferentes dimensões de espaços que os grupos ocupam. Realizada ao ar livre, em ruas, praças ou centros de abastecimento, com diversos produtos expostos em barracas ou no chão, de semana em semana, ou em um intervalo menor, que pode ter uma área de influência local ou regional.

A feira livre de Jacobina, uma das mais populosas feiras da região Norte da Bahia, é constituída de aglomerados de boxes e barracas cheios de produtos de várias espécies: frutas, verduras, legumes, cereais, carnes, peixes, queijos, doces, raízes, produtos eletrônicos, roupas, calçados, animais pequenos (cabritos, galinhas e porcos), artesanatos. Não podemos nos esquecer de uma pequena parte, onde são vendidos produtos de procedência duvidosa, chamada de feira do “rolo”.

Há por toda parte a ambivalência de espaços/contextos, pela produtividade de significados produzidos pela negociação política da interpelação, onde o essencialismo de uma tradição política recebida deixa de existir e abre um espaço de tradução de novas identidades sociais.

---

<sup>5</sup> Clara Nunes, Feira de Mangaio, CD lançado em 1995.

Tal lugar é marcado por apresentar uma população predominantemente de origem nordestina e baiana, afrodescendente, com médio e baixo poder econômico, com pouca qualificação profissional, e, na sua maioria, com baixo nível de escolaridade. Mas, essa peculiaridade avizinha-se ao pensamento de Bhabha (1998, p.35) em que diz:

[...] E a inscrição dessa existência fronteiriça habita uma quietude do tempo e uma estranheza de enquadramento que cria a “imagem” discursiva na encruzilhada entre história e literatura, unindo a casa e o mundo.

Figura 8: Nas barracas, muitas trocas...



Essa feira é uma grande tenda com vários lugares de convivência, interação, afetos, sons e paisagens, território onde as culturas se hibridizam, por meio das trocas de saberes, das ações do povo em que (re) inventam o lugar, produzindo novos lugares à medida que se caminha em um fluxo cartográfico de força que solicita pontos de referência para possibilidades de percursos que não estão dados, que estarão em vias de ser um acontecimento.

Essa grande feira livre acontece no sábado, com maior movimento de pessoas de toda a região. Nela, transitam homens, mulheres, crianças, repentistas, capoeiristas, fornecedores de mercadorias, vendedores, provenientes de várias comunidades da zona rural, que trazem consigo mercadorias da renda familiar para serem comercializadas.

Contudo, não é só isso que dá o tom da feira, outros elementos estão espalhados no espaço, nas linguagens entrelaçadas, nas diferentes expressões gestuais, nos diversos estilos da moda, roupas, apetrechos, instrumentos que lá ouvimos, na interação e pertencimento dos grupos, na manutenção dos símbolos culturais, e pelo simples ato de conviver. Esse estilo das

roupas infere muitos sentidos, sendo fácil ver um índio de calça jeans, bebendo refrigerante coca-cola nos bares da feira. Isso apaga qualquer pensamento de cultura em si mesma. Conforme nos diz Bhabha (1998, p.241):

A cultura é tradutória porque essas histórias espaciais de deslocamento – agora acompanhadas pelas ambições territoriais das tecnologias “globais” de mídia – tornam a questão de como a cultura significa, ou o que é significado por cultura.

Para Bhabha (1998, p.248), “Se a cultura como epistemologia se concentra na função e na intenção, então a cultura como enunciado se concentra na significação e na institucionalização”. Nesse sentido, procuramos caminhar no enunciativo que tenta reinscrever e recolocar a política de hierarquias culturais (nosso/ deles) na criação social da atividade de significação.

Outro elemento de destaque, no contexto da feira, é a linguagem nas suas diversas expressões: é semiótica, pois abre um espaço de palavras; é das imagens nos *outdoors*; das fachadas dos cartazes dos edifícios, nas mediações do espaço, pelos significados dos signos da cultura corporal, através da capoeira, nas narrativas e proezas das conversas, na construção de sentidos que é dado às produções de discursos, em que os vendedores poeticamente, anunciam seus produtos para conquistar os compradores.

O povo da feira tem um modo próprio de chamar o freguês, em uma cantoria que territorializa o lugar, mostrando um saber que se constrói na prática da feira livre: *Xô desânimo! Venha dona Maria, venham comprar, frutas frescas do pomar; Ô coligado, vamos comprar só fruta boa, ô patroa, vem comprar [...]*.

Essa riqueza da linguagem empregada pelo povo da feira serve de inspiração para envolver corpo e língua, pela flexibilidade de experimentação e de improvisação onde a liberdade de manipulá-la aflora. Frases desprendidas do rigor da língua, nesse momento o que mais interessa ao vendedor é o poder de sedução, pois gostam de trabalhar cantando e gritando, propiciando uma grande animação.

Assim sendo, o enunciado constituído pelo vendedor caracteriza uma relação de diálogo que faz sentido dentro de vozes discursivas sociais. Ao anunciar o seu produto, o vendedor expõe um modo de viver que toma a medida de habitar no lugar.

Por essa compreensão do enunciado, o sujeito é transformador de sua história e suas práticas não somente reproduzindo um passado/presente, por meio de uma identidade cultural, ele agora evita a política de polaridade e faz surgir uma nova identidade de sujeito que através

do seu discurso político pode ser um destruidor das continuidades de um sentimento de herança colonial e faz valer um lugar de povo liberto.

Para Bhabha (1998, p.79), o sujeito do presente não é mais conformado com a opressão de um passado histórico, ele luta para desterritorializar uma identidade construída na obediência, na conformidade: “É a cisão do sujeito em seu lugar histórico de enunciação”.

Sendo assim, é por meio da linguagem que o povo da feira encontra novos significados de culturas, provocados pelas tensões e contradições, geradas pela presença do outro, na realização do enunciado, daí os (entre) lugares são valorizados pelos realinhamentos de um passado-presente nas diferenças culturais.

Nesse contexto, é possível pensar a feira como lugar onde surgem novos discursos, diferentes sujeitos, dinâmica de fronteiras, situação que nos coloca a enfrentar uma cultura em movimento e juntar-se a outros movimentos.

Desse lugar comum da feira parece interessante estender para outros conceitos, de perceber em homens, mulheres, crianças, (in) ventando novos afetos, através das relações múltiplas de intensas trocas de uns com os outros. Nessa intensidade da prática cotidiana que transforma vidas e mundos em que partilham suas vidas e desejo, expõe o quanto há um tipo de educação difusa.

Para Brandão (2007, p.4), “[...] Ninguém escapa da educação”, não há sujeitos sem essa condição, estamos em constante processo de aprendizagem. Isso implica dizer que as pessoas estão vivendo aprenderes, estão abertas ao mundo, convivendo com novas descobertas, a fim de tornar sua integração com o outro, construtiva.

Portanto, o significado do que é educação vai além dos muros da escola, quando presenciamos na feira os vendedores anunciando os produtos, ao fazer a propaganda da barraca, defendendo valores, uma cultura, um modo de produzir conhecimento, nossos conceitos sobre educação se ampliam nas trocas de conversas do vendedor de requeijão, com a moça das ervas, o vendedor de miudezas da feira. Educação também se dá naquele lugar, uma educação com potencialidade pelas ações cotidianas, que produzem nesse espaço/ tempo onde se dá enquanto plano de relações múltiplas e de intensas trocas.

Nesse sentido atribuído, a feira se abre para muitos caminhos para que pensemos na desestabilidade de conceitos fechados de culturas e educações, assim, acreditamos que possam dar visibilidades as práticas cotidianas do povo da feira, possibilitando outros lugares construídos na fronteira da linguagem, e por que não dizer nas produções dos enunciados.

Permeada por esses entrelaçamentos, nos encontros de várias culturas que se descortinam do lugar, que se exprimem nas práticas cotidianas do povo da feira. Nesse lugar

que se compõe nos causos contado pelo vendedor das especiarias, nas apresentações da capoeira, na performance de João Bosco, repentista e cordelista, em outros símbolos que fluem, pelas atividades dos vendedores no saber e fazer, para o freguês que sabe e aprende, nas relações entre vendedores e fregueses, são situações cotidianas de aprendizagem.

De modo mais explicativo, Brandão, (2004, p.4) elucida:

[...] a educação acontece em locais onde não há escola, já que por toda parte pode haver “redes” e estruturas sociais de transferências de saberes de uma geração a outra, onde não foi se quer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado.

Desse modo, seria possível pensar numa educação ‘de fora’ nas ações cotidianas do povo da feira que cria, gera, partilha e faz circular conhecimentos, enfrentando desafios para apreender e integrar seus conhecimentos. Essas pessoas inventam, improvisam outros saberes, saindo do pré-estabelecido, do enquadramento previsível de uma macropolítica vigente em que se tem uma educação geradora a partir de situações pessoais e interativas vividas e realizadas pelos vendedores nas experiências expressivas de vidas cotidianas.

Para Rolnik (2006, p.60),

“Macro” é a política do plano concluído pela terceira linha, plano dos territórios: mapa. No mapa delinea-se um encontro dos territórios: imagem da paisagem reconhecível a priori. O mapa só cobre o visível. Aliás, de todo o processo de produção do desejo, só nesse plano há visibilidade: é o único captável a olho nu. Também só nesse plano é que a individualização forma unidades e a multiplicidade, totalizações.

Não aceitar essa perspectiva da macropolítica desse sistema vivente é permitir para os novos tempos, no interior das diferenças culturais, o reconhecimento das micropolíticas, em que sujeitos não subjetivados possam determinar os agenciamentos para a construção das culturas e das educações.

## 2 SEGUNDA TENDA: PERCURSOS CARTOGRÁFICOS

Era preciso estar no campo, visitar as diferentes comunidades e ser afetado por aquilo que as afeta.  
(KASTRUP, 2014)

É preciso entrar com olhos que tateiam, exploram, acolhem e forçam a pensar o lugar capturado pela diversidade de cores, aromas e sabores. Há uma afeição e animação do povo da feira que conduzem essa grande tenda popular, mas estamos com atenção aberta, sem enquadramento específico, pois queremos perceber os movimentos desconexos dessa desordem própria do lugar.

A ideia é que devemos acompanhar essas misturas, posto que triviais, em um caminho nada linear, no modo de perceber que carrega uma presença e anuncia um processo. Pois bem, para caminhar nesses acontecimentos da feira, resolvemos investir nos procedimentos cartográficos e experienciais que desenhasssem o tecido ao qual o objeto em questão se encontrasse conectado; que possibilitassem abertura aos personagens da pesquisa, no sentido que pudessem elucidar, nas suas expressões e imagens, o cotidiano da feira livre na produção dos (entre) lugares.

Neste sentido, aferimos aos (entre) lugares processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais, pelo hibridismo da linguagem somada a multiplicidades dos novos tempos, que é demonstrado em um movimento exploratório incessante, em que identidades e práticas se encontram em debate, em construção.

Para tanto, possibilidades vieram, nos expondo a inúmeras situações que pareciam um convite, convocando a nossa atenção, que foi se constituindo no acompanhamento dos movimentos das subjetividades e dos territórios produzidos nas ações do povo da feira, deixando levar-se pelo agradável acolhimento, na alegria, fala e cantoria. Nada foi abortado, tudo foi presença e ausência no sentido de dispersão, no sentido de produzir outros afetos.

Considerando esses desejos de apreciar/indicar os (entre) lugares que se produzem na feira livre, nossa escolha investigativa para dar conta da pesquisa foi o método cartográfico, adequado pelo acompanhamento dos percursos, dando atenção aos movimentos bastante mutáveis.

Segundo Kastrup e Barros (2009, p.32),

[...] a cartografia consiste, inicialmente, em acompanhar os processos e devires que compõem um campo social, que é a realidade, em contínuo arranjo e (des) arranjo. A cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo estamos em processos, em obra.

Para Kastrup (2014, p.57), “o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objetivo ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente”.

Ao explorarmos intensidades da linguagem que ecoam nas expressões, imagens, paisagens e sensações, o coletivo se faz presença no processo de escritura do texto, por isso, fomos deixando os movimentos e desejos serem experimentados a partir de tais investigações contidas nos relatos, nas potências, se performatizando nos acontecimentos, para a contribuição da produção de elementos da nossa pesquisa.

Nesse caso, o trabalho do cartógrafo não se define a partir do exercício da livre aventura, sem direção e desprovido de orientação, ao contrário, trata-se do desafio de inverter o sentido tradicional de método sem abandonar certa concepção de trajeto de pesquisa, não se trata mais de um caminhar cujos resultados são dados de antemão, e, segundo Passos e Barros (2009, p.17), com “[...] metas pré-fixadas, com resultados prontos, amplamente vislumbrados, mas, ao contrário, trata-se do primado do caminhar que redefine na radicalidade do percurso suas metas”, alterando inevitavelmente, e acintosamente, a produção dos dados de sua pesquisa.

Ao apostarmos na cartografia, uma proposta metodológica inspirada em conceitos de Deleuze e Guattari (1995), como caminho a nos auxiliar no estudo de uma investigação que somente se torna viável pelo encontro entre pesquisador e campo de pesquisa, pelo qual o material a ser pesquisado passa a ser produzido e não coletado, uma vez que emerge de um ponto de contato que implica um deslocamento do lugar de pesquisador como aquele que vê seu campo de pesquisa de um determinado modo e lugar, em que ele se vê compelido a observá-lo.

Nesse caminho cartográfico pela feira livre, por mais que exiba pontos de referências, observamos que as possibilidades de percurso não estão dadas, estarão sempre por serem feitas, produzidas e inventadas, sem querer dizer com isso que a investigação se fecha ao movimento e aos processos que ela se propõe a acompanhar. Também exploramos um

caminho pelo método experimental, em busca de uma conexão com o que vai se construindo a partir do experimentado.

Para Deleuze e Guattari (1995, p.48) “[...] a cartografia não é uma competência, mas uma performance. Ela precisa ser desenvolvida como uma política cognitiva do cartógrafo”, posicionando-se ao lado da experiência, evitando posicionamentos de uma pesquisa tradicional.

Por isso, no acolhimento da produção de dados na pesquisa não seguimos regras, um caminho linear para atingir um fim, entretanto fomos caminhando na descrição, discutindo com os teóricos, tomando como ponto de partida a ideia de que tudo está em movimento, nada é visto estático e, sobretudo, compreendendo o nosso lugar de pesquisadora.

Utilizamos como estratégias para perceber esses (entre) lugares as entrevistas semiestruturadas, o diário de campo, que é um elemento importante para a elaboração das produções que apresentarão os resultados da pesquisa, as fotos, produzidas pela pesquisadora e os participantes, entre outras táticas para a composição do trabalho.

Nesse caminhar, a produção de dados foi se constituindo em um movimento contínuo, sem, necessariamente, terminar um momento para começar outro. Tudo foi acontecendo na medida em que as intensidades sucediam, por exemplo, no momento que fazíamos as entrevistas, colhíamos fotos dos lugares, anotávamos os relatos que surgiam nesse movimento constante.

Para essa pesquisa, as análises foram produzidas junto a seis participantes, escolhidos pelas atividades que desempenham na feira: André Luis, coordenador da feira; Anizete Moura, presidente da cooperativa dos vendedores; Alailton Ferreira, vendedor sem letramento da prática escrita; Helena dos Santos, contadora de histórias; Erivelton Araújo, representante dos vendedores jovens; Janderson Mota, capoeirista. Ainda compõem-se com outros participantes, a exemplo de cantadores, repentistas, contadores de causos etc.

Ao fazer as observações com os participantes dessa pesquisa, sempre procuramos deixá-los informados do que pretendíamos e quais os nossos objetivos. Algumas conversas aconteceram em seu local de trabalho, no sábado e outras foram realizadas em suas residências, perfazendo um total de 40 horas entre entrevistas gravadas, conversas anotadas em diários de campo e sessão de fotos que foram produzidas durante os meses de janeiro a julho de 2015.

Acompanhada por Certeau (2004, p.13), quando afirma ser “[...] na brecha entre o dizer e o fazer, que ele acredita perceber, aquilo que, então, nos tornamos”, que procuramos

dar muita relevância às práticas cotidianas, para não perdermos elementos que poderiam apresentar-se nas ‘entre-linhas’ das falas.

Como investigar algo já conhecido, olhar em sintonia para o problema que movia a pesquisa? Então, decidimos andar nos afetos e conhecer o que trazia sentido novo, redigir o quanto era necessário, dizer quase tudo, se assim fosse possível dizer, exprimir o que estava sentindo, sabendo que muito poderia acontecer, tecer fios e tramas, deixar rolar as ideias e se possível compô-las em palavras queimadas, que poderiam desenhar rendas, nada original, tudo transformado em uma cartografia de acompanhamento.

Uma relação de movimentos expondo situações vivenciadas, seguindo signos que indicam que algo pode acontecer, em um esbarrar ao acaso, ou do acaso, de saberes que vão ocorrendo, apostando que há um caminho em ampla dimensão para ser (des) enquadrado. Nessa escolha das crônicas deixamos aparecer as expressividades polifônicas de vozes que ecoam do eu, do outro, de nós, de um lugar que passa a ser (des) enquadrado e adquire outras ressonâncias com outros lugares, outras possibilidades, quiçá, outros sentidos e significados.

Cabe-nos dizer que a escolha da produção em formato de crônicas também se deve ao fato de não querermos apresentar os participantes como meros objetos da pesquisa, mas sim construtores coletivos do conhecimento. Por isso, as crônicas foram se construindo nas palavras, nas expressões, no modo de perceber as coisas de cada participante e de esboçar saberes em torno das culturas e educações.

Fomos construindo os textos a partir das narrativas dos participantes e também de tudo que experimentávamos na feira livre. Colhendo das intensidades do enunciado para dar voz aos afetos atravessados por outras vozes, das imagens como construção de sentidos, da presença dos autores que acompanharam todo percurso na pesquisa.

Os enunciados do povo da feira ganham relevância significativa nas crônicas por trazerem impressos os (entre) lugares e constituem como parte fundamental para a realização da nossa pesquisa. Segundo Kastrup (2014, p.54):

[...] o dispositivo experimental aparece como possibilidade de colocação à prova das hipóteses, ou seja, das invenções ou ficções do cientista. Apresentando-se como testemunha fidedigna, ele é capaz de provar que tais invenções não são invenções quaisquer, mas verdadeiras descobertas.

Aos poucos, vão aparecendo os devires de culturas e educações que se espalham na feira, pelos movimentos da capoeira, nas imagens que vão compondo os territórios, das expressões reveladas. Tudo isso e o que mais aparece tem relevância na composição.

Assim, não se trata de uma pesquisa sobre alguma coisa, mas com alguma coisa ou com algo que compõe o território explorado. Importante dizer que esses participantes trazem nos seus enunciados um pouco das suas subjetividades de afetos que esparramam nas suas escolhas.

Nesse sentido, as análises dos enunciados foram bem subsidiadas pelos teóricos, possibilitando também novas descobertas. Tudo isso e o que mais não vimos ou não nos ficou na memória, esperamos que apareçam nessas composições, que o leitor possa encontrar também outros afetos e ser afetados pelos nossos, ou pelos deles mesmos.

### 3 TERCEIRA TENDA: DOS ENTRE-LUGARES, NOS ENTRE-LUGARES, COM [...]

“Eu deveria lembrar-me constantemente de que o verdadeiro salto consiste em introduzir a invenção dentro da existência”. (BHABHA, 1998)

Sábado, dia da escolha. Tanto para mim, quanto para o povo da feira. Um dia que amanhece sob a animação, a graça de muitos lugares, (não) lugares e (entre) lugares, em que a feira vai se compondo das cenas cotidianas do seu povo, onde as experiências promovem devires inesperados, onde há muitas presenças das culturas, educações e identidades que, às vezes, somos incapazes de imaginar.

Por isso, vê-se nesse lugar da feira livre muitas fendas e silêncios rendilhados de uma colcha que se faz das práticas cotidianas do seu povo, nos apresentando retalhos que nos inspiram a novos afetos a termos um crescente interesse em experimentar os conceitos bhabhatianos com o hibridismo da linguagem. Apostamos que, nessa tenda, torna mais fácil desconstruir o chão de alguns conceitos, tidos como ortodoxos e/ou elitistas sobre cultura e educação, sua desuniversalização, ou seja, tomá-los não como algo desde sempre dado, mas como produção diacronicamente construída.

Buscar saber como produzimos saberes, construímos educações e possibilitamos tantas identidades nos parece uma ótima postura para resistir, para (des) arrumar, reverter estas ideias de blocos fechados do conhecimento.

Assim com os participantes da pesquisa, expressando o povo da feira, fomos tecendo trocas, diálogos, encontros coletivos de enunciação a partir dos movimentos experimentados, no enlace do corpo com as intensidades, outros lugares que dão potência aos desejos, na inquietude intrigante da nossa pesquisa.

Na companhia desses participantes, quero um encontro coletivo de enunciação nesses territórios de conhecimentos, das linguagens, das culturas, das educações. Para tanto, solicitei aos participantes que produzissem imagens que pudessem expressar o sentido da feira livre para eles. E, assim, expliquei como manusear a máquina fotográfica. Sublinhando com um gesto de atenção cartográfica, os participantes produziram imagens que estão estampadas na composição da crônica de cada um deles. Também aparecem imagens produzidas pela pesquisadora por conta do reconhecimento atento a feira livre de Jacobina, BA.

Os participantes vão tecendo as crônicas e se conectando pelo olhar que tateia, explora, rastreia, o mesmo podendo ocorrer com a pesquisadora. De todo modo, a intenção

mais importante aqui é mostrar os (entre) lugares que são produzidos na feira de Jacobina. A primeira crônica é de André, ex-aluno, com 24 anos de voo e coordenador da feira; a segunda, é de Dona Anizete, mais conhecida como Zete, filha de marchante da década de 1930, já ajudava o pai na venda de carnes. Uma professora com duas graduações terminadas (Pedagogia e Enfermagem), mas que não exerce nenhuma, também presidenta da cooperativa dos vendedores da feira, tem 41 anos de voo na feira livre. A terceira crônica é de Alailton, com 36 anos de voo na feira livre, não tem o letramento da leitura e da escrita escolar.

Nesse instante da descrição, o pensamento de Paulo Freire me invade pelo desejo de presença na educação para fora: “A leitura de mundo precede a leitura da palavra”<sup>6</sup>, traduzidas nos olhares, nos cheiros, nos toques, nos gostos, nos saberes que temos e acumulamos na nossa vivência diária. A quarta crônica é de Dona Helena, tem grande vivência na feira, há 38 anos. É também uma boa contadora de histórias, serve como conselheira dos amigos e se engaja nas lutas diárias por uma micropolítica de igualdade, presto uma homenagem a ela nesse momento, pela sua saúde fragilizada. A quinta crônica é de Erivelton, um jovem com 12 anos de voo na feira livre, foi escolhido por ser da terceira geração de vendedores e representante dos vendedores mais jovens. A sexta e última crônica é de Janderson, com apenas 11 anos de voo na feira, também da terceira geração. Um participante que vê a feira como território de boas amizades, integrante da capoeira, é muito entusiasmado com os movimentos sociais.

Nessa pequena descrição, sinto já estar pronta para o voo com todos eles na feira livre. Parece somente me restar agora construir meus territórios, pois o corpo vibrátil já anuncia a inquietude. Tentar apreciar, antes de mais nada, a potência que sinto no ar, me preparo de um lado, e despreparo do outro, mas já me sinto confortável para voar junto.

Voos importantes para compor meus territórios, para mostrar sons que vão guiando o gosto de dizer e de sentir a existência das culturas, para pensar a educação para fora, para olhar para o outro de maneira diferente, compreender o enunciado na quebra de um sistema estável, de passado e presente.

Dou-me conta de que esses movimentos intensificam a desterritorialização das culturas, além de passarem por um momento de dessacralização, possibilitando, assim, fazer todas as misturas mais híbridas possíveis. Também identifico que nesse lugar as pessoas parecem mais abertas a encontros sociais, afetam e se deixam ser afetadas de todas as maneiras se propõem reconfigurar o lugar. E nessa fluidez de movimentos, as intensidades

---

<sup>6</sup> FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

criam novos territórios sem aspirar qualquer modo específico ou indispensável de ser. Então, com olhar-câmera juntamente aos olhos dos participantes, vou percorrendo a feira e me satisfazendo com as descrições, sensações, movimentos.

### 3.1 NO VOO COM ANDRÉ

Saio de manhã com minha filha para comprar rosas naturais, para uma atividade escolar. Vou até a feira, caminho entre ruelas, encontro evidências de várias culturas, demonstradas nos movimentos, ruídos atravessados pelas etnias e estilos, em uma feira composta de lugares diversos. Vivencio situações e passagens motivadas pelas expressões de linguagens gestuais do aglomerado de pessoas, da linguagem das roupas, dos corpos, são muitas linguagens e vários enunciados, compostos na enunciação do vendedor. Experimento das misturas culturais, dos movimentos que moldam o lugar, tecem os espaços.

Sigo em frente e penso em que ponto esse povo da feira retoma o passado mas, renovando-o, traduzindo-o como um (entre) lugar, que, além de inovar, interrompe a atuação do presente. Um “passado-presente” fazendo parte da necessidade de viver nesses tempos contemporâneos.

Para Bhabha (1998, p.19) “[...] encontramos-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferenças e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão”. É a fronteira da qual algo começa a se fazer presente.

Nesse sentido, os estilos das pessoas vão indicando tempos geracionais, de traduções e dias atuais. Não importa se são barracas, boxes, lonas espalhadas ao res do chão, são vestígios de culturas híbridas marcando o lugar para além da visão econômico-social. Então, nesse voo, entro num local conhecido como ‘beco da morte’.<sup>7</sup> Esse nome foi atribuído ao lugar por conta dos conflitos gerados pela apropriação dos espaços. Na realidade estou percorrendo alguns lugares da feira para encontrar outros caminhos novos e não marcados, pouco usual. Numa barraca muito bem ornamentada, cheia de cores, algo chama atenção.

---

<sup>7</sup> Nome dado por conta das desavenças entre vendedores.

Figura 9: O pouso do inseto

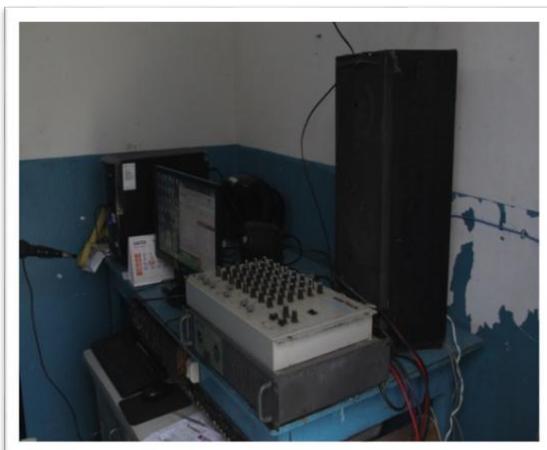


O inseto no seu pouso suave, finda o barulho de movimentos das barracas. E eu esqueço do acaso das circunstâncias, o gosto dos doces, ou o abandono, a voz ou o silêncio, tudo aquilo que fala, passa, emerge, vem ao meu encontro.

Como o inseto, me sinto à vontade para aproveitar todo pitoresco da paragem ou do burlesco momento matinal, pretendia apenas captar das observações do lugar, das situações práticas dos vendedores, algo que me ajudasse a responder às perguntas elaboradas para a pesquisa. Mas observo a modernidade da feira: são tempos alegres e mestiços de afirmação da vida, em suas enunciações mais intensas de bricolagem, que ressoam de todos os cantos.

Na perspectiva do improviso, quer em um esbarrar de esquina, que me encontro com André, todo elegante, com imponência de um homem feito, de estilo despojado. Ao cumprimentá-lo, digo logo o que levou-me àquele lugar. E, sem cerimônias, ele dispara a falar sobre o encantamento pela feira; a conversa fica tão interessante que proponho gravá-la. Prontamente, ele concorda: *Já trabalho nessa feira há mais de 24 anos, tendo começado no serviço de autofalante, o primeiro meio de comunicação de Jacobina, conhecido antigamente como a 'voz da cidade'. Quero mostrar a mesa de som de quando começou aqui.* E me conduz, para conhecê-la:

Figura 10: Uma mesa de som



Na imagem, ficam as antigas memórias de tempos, onde a passagem, vai abrindo uma maneira de caminhar, na maneira de fazer o presente. Não se resgata um fato histórico, ele aconteceu, está no passado, tem-se um presente de tradução do vivido, que se descasca pelas novas identidades impressas.

Continua André:

Quando o centro da cidade cresceu, os empresários começaram a reclamar do barulho do som. Então, foi aí, que o som veio parar na feira livre e hoje faz o serviço de utilidade pública. Essa rádio é de grande importância serve como veículo social do povo da feira, divulga temas que não têm espaço em outros meios: a cultura, a educação, a saúde, a segurança, a propaganda do produto e o meio ambiente. Democratiza as diferenças, faz um papel de cidadania para a comunidade feirense.

Recorro a Certeau (2004, p.138): [...] “O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizadas”. Assim, posso dizer que esse povo da feira sempre está (re) inventando um modo de vender, usando táticas<sup>8</sup> que lhes são peculiares, produzindo, assim, figuras complexas de diferença e identidade.

Para Certeau (1994, p.46), “A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância”. E adiante (p.): “A tática depende do tempo, vigiando para “captar no vô” possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em ‘ocasiões’”.

Nesse mesmo tempo, olho para a esquerda e ao fundo do boteco do Sr. Reinaldo, várias pessoas tomando cafezinho matinal com produtos vindos da fazenda: leite, frutas, manteiga, queijo, ovos e muitos outros derivados. A algazarra das pessoas, na expressão de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pelo aroma dos sabores. Mal sai um freguês, outro chega e ocupa o lugar com muita euforia. Dentre outras expressões, vejo essa imagem:

Figura 11: Um lugar de relações sociais



Um lugar de relações sociais, de trocas de saberes e que traz ressonâncias para outros movimentos...pelas novas identidades impressas.

<sup>8</sup> Para Certeau, o conceito de tática é a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então, nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro.

Essa circunstância é comum nesse barzinho, e presto atenção no que diz a mulher do casal de pé de frente para mim:

Está cada dia mais difícil achar um lugar aqui para sentar, esse espaço é bom porque ninguém repara ninguém, olhe lá aquele moço, deve ser cubano, pois está cheio de cubano em Jacobina, também depois desse Mais Médico é fácil encontrá-los perambulando pela feira<sup>9</sup>.

Percebo três situações que compõem em torno dos acentos: à frente de um balcão envelhecido, um homem olha para o jogo na tela da Tv. Passo a observá-lo. O patrão, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, acerta os serviços do empregado dedicado a sua fazenda. A outra mulher limita-se a ficar olhando os produtos ao seu redor. Ao seu lado, há uma mocinha de rosto pintado e de batom roxo, cor de uva, que tem a presteza do garçom envaidecido. Ainda vejo um casal nômade que se aproxima para desfrutar do ambiente e degustar do saboroso café.

Nessas estratégias<sup>10</sup>, o povo da feira já se (re) inscreve através das condições dos acontecimentos e da contraditoriedade imposta sobre suas vidas. Esse reconhecimento expressa um novo território e desterritorializa uma história colonial controlada de um território demarcado. Por estratégia, nos diz Certeau (1994, p.46):

Chamo de “estratégia o cálculo das relações de forças que se trona possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta

Volto a conversar com André (que também observa a cena, parecendo querer completá-la): *Aqui, a maioria é frequentador assíduo e já está na terceira geração, tanto para os frequentadores, como também os vendedores, principalmente, nos bares e restaurantes. Ainda menciona: Quando chega o sábado, a feira fica lotada, ali já são os produtores da agricultura familiar que vêm vender seus produtos, esses vendedores são isentos de impostos, porém seus produtos ficam no res do chão.* Continua a falar:

Uma comunidade quilombola, que mora nas Grotas e Três Coqueiros<sup>11</sup>, totalmente isolada, vem à feira mais para se alegrar do que mesmo vender, se encanta pelas manifestações culturais, pelas diversidades de produtos e sons. Diz que essa feira é a terceira maior da região Norte da Bahia e faz de Jacobina um lugar mais famoso e frequentado por turistas.

<sup>9</sup> <https://maismedicos.saude.gov.br/>

<sup>10</sup> Certeau utiliza o conceito como um planejamento de uma racionalidade.

<sup>11</sup> São comunidades quilombolas que vivem nos municípios de Jacobina, BA.

Analisando essa admiração de André pela feira, dá para pensar como essa feira opera com os signos de poderes, quebrando qualquer ideia de categorias monolíticas e fixas.

Essa fala do participante me faz recorrer a Bhabha, que enfatiza (1998, p.83) “[...] A imagem é apenas e sempre um acessório da autoridade e da identidade: ela não deve nunca ser lida mimeticamente como a aparência de uma realidade”.

Nesse sentido, é preciso perceber que no enunciado de André vem carregado de significado do coordenador da feira, que, diferentemente do vendedor das miudezas espalhadas ao res do chão, consegue também ver uma feira de conflitos, lutas em meio aos sufocos que enfrentam no dia a dia, e o que eles têm feito de transformação para melhorar essas condições de atividades cotidianas.

Muitas conversas tomam conta do ambiente, porém, entre todo esse burburinho, noto um som que é, ao mesmo tempo, conhecido e estranho. Procuo descobrir de onde vem esse ruído. Olhei para um lado, olhei para o outro e, percebendo a minha curiosidade, André fala: *Essa voz é do Sr. Ismael, um cordelista jacobinense, de 72 anos de idade, que frequenta a feira há mais de 20 anos para mostrar os versos que compõe sobre nossa cultura local. Vamos ouvir?* Então, fico muito interessada no que ele canta e me aproximo. Os versos dizem:

*Dessa aculturação  
De cordel denominada  
Desde o século dezenove  
De Portugal originada  
Em estrofes é composta  
E o nordestino gosta  
Mormente se for cantada*

*No interior baiano  
Como jóia engastada  
Entre vales e colina  
Fica bem localizada  
A cidade de Jacobina  
No Piemonte da chapada*

*Por serras é circundada  
Das quais as águas nascentes  
Formam lindas cachoeiras  
Rio e riachos correntes  
Seguindo além fronteiras  
Se transformam em afluentes*

*O seu povo é inteligente  
Honesto e trabalhador  
Enfrenta dificuldade  
Mas não perde o bom humor  
O que faz dessa cidade  
Um centro urbano acolhedor*

*Em abril a atração  
É a caminhada da luz  
Subindo a serra do cruzeiro  
Cheia de fervor conduz  
Fiéis, devotos e romeiros  
Pra rezarem ao pé da cruz*

*Jacobina é guardada  
Pela santa natureza  
Monte, montanhas e serras  
Tudo isso é uma grandeza  
Isso faz de nossa terra  
Uma cidade princesa.*

Depois dessa demonstração de Sr. Ismael, fico arrebatada pela beleza da poesia, na sua entrada de agenciamentos, dos pensamentos que a feira arrasta para dentro dela, que traz para

a beirada, nos (in) ventos do poema. Os versos são compostos com o território existencial desse povo que vive cotidianamente: a água, a fé, relevo, valorização da sua gente e termina em um encontro coletivo de enunciação a partir dos afetos que o poeta experimenta e se faz contaminar pelo outro. André diz:

Esse cordelista, todo sábado, vem recitar versos aqui na feira e não aceita pagamento, ele fala que quer divulgar a cultura da nossa cidade, já faz isso há uns dez anos e ele é bem conhecido na região, sempre produzindo em folhetos as suas produções poéticas.

Penso a cultura no dizer de Bhabha (1998, p.240): “[...] como produção irregular e incompleta de sentido e valor, frequentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis, produzidas no ato da sobrevivência social”. No bojo desse entendimento, Bhabha (1998, p.26) diz que as culturas “[...] põem em campo o hibridismo cultural de suas condições fronteiriças para ‘traduzir’, e, portanto, reinscrever o imaginário social tanto da metrópole como da modernidade”. Nesse sentido, surgem novos discursos, diferentes sujeitos, possibilidades de fronteiras de enfrentar uma cultura em movimento, de vaivém.

A conversa prossegue e a caminhada também. Eu e André buscamos outros movimentos, inventados nas ações dos vendedores, e nessa procura paramos no local em que a capoeira se apresentava e entoavam uma música, acompanhada sincronicamente por palmas: *Você não sabe o valor que a capoeira tem! Mas não sabe, não sabe, não sabe êh!*

Figura 12: A capoeira cria, inventa lugares



A capoeira cria textos e constrói seus sentidos, de envolver a coletividade. É o povo que foge da ordem, transforma, inova através dos movimentos corporais.

Ao lado da roda de capoeira, uma menininha, na sua expectativa de curiosidade, olha a capoeira seduzida pelas braçadas de pernas no ar; a mãe, com admiração nos corpos suados, fica extasiada. Acabo lembrando de Rolnik (2014, p 134.): “As paisagens vão sendo povoadas por personagens e estes vão pertencendo à paisagem. Com tal perspectiva, somos levados a afirmar que o *ethos*, ou o território existencial, está em constante processo de produção”.

André continua:

A feira para essa gente é tão enlevada quanto o carnaval para nós, eles compram e se divertem ao mesmo tempo. Outro dia, vi a banda filarmônica, a faculdade com o teatro, coisas que enriquecem muito esse lugar. Ainda tem o encontro dos namorados, do patrão com o empregado, dos amigos que não se viam há décadas, pela simplicidade do nosso povo, tão hospitaleiro e festeiro.

*Ainda diz: A nossa feira atrai muita gente porque mostra essa diversidade de coisas, preços pequenos e muita animação, os produtores que vêm ao sábado vender na feira, a maioria faz a barganha, nem usa dinheiro.*

Na análise de André, os produtores ainda vivem o período colonial, que é a subsistência de trazer para feira um produto da sua terra e voltar com seis, sete, fazer a permuta.<sup>12</sup>

Naquele momento, direciono o olhar para o outro lado da feira e contemplo muitos estilos de vida e moda: homens com roupas formais e chapéu, (des) configurando seu poder:

Figura 13: Um sujeito da feira



O deslocamento que é dado a um lugar, que passa a ser observado pelas imagens, assume um novo enquadramento e adquire outro significado, pelas suas possibilidades e conexões.

Infelizmente, nossa conversa vai chegando ao fim e proponho ao participante uma imagem que mostre a feira como ele vê. Aos olhos de André, as imagens que reproduzem a feira são a diversidade de cores naturais, sem interferências do ser humano. As frutas, para

<sup>12</sup> Legado Europeu, pelo crescimento demográfico muito acentuado e a transformação do comércio para satisfazer as necessidades de trocas entre as pessoas. Quando os produtores não conseguiam vender nos mercados toda a produção, trocavam por outros produtos expostos aos espaços das ruas, a um preço menor; com isso, as feiras comerciais, realizadas nos centros urbanos, possibilitaram a padronização dos meios de troca e incentivaram a criação de um comércio de compra e venda.

ele, têm um encantamento tão grande que estampam a tela de proteção de seu *notebook*. Cria-se outro sentido na imagem capturada pela produção dessa abelhinha:

Figura 14: As cores convidam nas intensidades



Então penso: difícil traduzir as cores. Entretanto tentaremos dar sentido ao lugar, uma tela que amplia a beleza do local.

Fonte: André, maio, 2015

Imagens que se abrem em caminhos que levam, que trazem, que embalam práticas cotidianas, por onde circulam histórias de vida, trilhas de desejos outros, que não são nem determinados nem capturados pelos enquadramentos.

Figura 15: Caminhos que levam a outros lugares



Figura 16: Caminhos que levam a outros lugares



Esse muro vem como uma passagem, um movimento presente de transformação onde esse sujeito não é mais ele mesmo, mas não totalmente outro. Esse sujeito, ao frequentar a cidade, não é mais apenas um produtor rural, mas também não é um sujeito urbano, ele está no interstício de embate entre as diferenças culturais. Parece-me sugestivo trazer Bhabha (1998, p.20), “A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica”. É somente na feira, na fronteira, que esse sujeito rural pode buscar sua identidade híbrida.

Termino o voo dessa manhã, mas vou confiante para casa, achando que estou entendendo André em sua opção de vestir seus afetos dessa macropolítica de enquadramento do sistema capitalista, mas deixando uma frecha para possibilidades de outros afetos de agenciamentos de grupos. Ele vive os movimentos do desejo do coordenador da feira, é assim que ele vai concebendo a descrição que acabamos de acompanhar. Vamos experimentar a segunda narração.

### 3.2 NO VOO COM DONA ANIZETE

É chegada a hora de visitar a segunda participante, prosista que só, já me sinto entusiasmada para prosear com ela. Anizete é uma vendedora formada em Pedagogia e Enfermagem. Em um tom saudosista, revela a privação de não ter exercido nenhuma das duas profissões, mas percebo nela a realização no que faz pelo jeito e maneira no modo de conversar com os fregueses, do encantamento que tem sob o lugar, nas astúcias de vender, respeitando os colegas e aprendendo com eles, o que permitiu que ela se tornasse presidente da cooperativa dos vendedores.

Pois, na verdade, o que ocorre com a Zete, como gosta de ser chamada, é o direito de se expressar através de um devir mulher-presidente na busca de encontrar as micropolíticas que venham garantir os discursos da minoria, não é mais possível enquadrar as subjetividades dentro de uma visão tradicional. O interstício vem como uma vala, um movimento presente de um sujeito que constrói a sua identidade cultural na soma das diferenças. No caso da Zete, ao que parece, esse lugar lhe dá o direito de se expressar a partir da periferia, reinscrevendo através das condições de conflitos que presidem sobre as lutas diárias do povo da feira.

Na inquietude do desejo, me adianto para dizer que acordei bem cedo, ouvindo pessoas apressadas, vozes muito desconexas, sem fim, nem começo. Era sábado de manhã e fui ao encontro marcado com a Anizete. Como qualquer outra feira livre, a efervescência de cheiros diversos, misturados com sons de carrinhos de mão e muita animação, me divertem. É a mais divertida feira que já presenciei. No instante, me deparo com essa imagem e peço-lhe para tirar uma foto e sem nenhum impedimento do sujeito, faço a captura da imagem:

Figura 17: Um olhar, tantos sentidos



Difícil enquadrar uma imagem quando são muitos sentidos atravessados pelos desejos outros.

Compartilhando dessa agitação, chego à barraca de Zete, que me recebe com muito agrado. E, sem demora, começa a falar: *Aprendo muito mais no ouvir, no provar e no cheirar, ouço o que as pessoas têm para dizer. Essa é minha rotina aqui na feira. Tem dia que vem gente só para conversar comigo e não compra nada.* Nesse momento, chega um freguês e diz: *Os preços estão pela hora da morte! A cada sábado que venho à feira, encontro os preços diferentes, a inflação voltou! Mas a feira ainda é mais barata que os outros pontos comerciais.*

Essa conversa me anima mais, pois tem um ar de quem vive um processo de habitação de um território, que se constitui das ações dessa vendedora e serve como fio desafiador para

compor sua identidade e da autoridade ensinada pela imagem dessa mulher, presidente da cooperativa dos vendedores.

Essa parece ser a grande questão que reina nessa barraca porque sempre chega um freguês interagindo nessa enunciação, porém, quero ouvir mais a participante para compreender as artimanhas que sugerem o tempo da libertação.

E penso no que Bhabha (1998, p. 247) profere:

[...] Esse tipo de temporalidade disjuntiva é de maior importância para a política da diferença cultural. Ela cria um tempo de significação para a inscrição da incomensurabilidade cultural, no qual as diferenças não podem ser negadas ou totalizadas porque ocupam de algum modo o mesmo espaço.

Zete dispara a falar:

A gente aqui faz um abatimentozinho nos preços dos produtos, o que não encontra nas grandes redes comerciais, no supermercado, porque lá é o seguinte: se passou, deu R\$ 20,55, você tem que pagar, não tira um centavo, enquanto aqui a gente perde dois reais, três reais, depende da compra que o freguês fizer, a gente perde até mais e isso cativa as pessoas. Ultimamente, com essa onda de supermercados com cartões para 40 dias, cheques para não sei quantos dias, a feira realmente caiu um pouco, entendeu? Mas graças a Deus nós estamos assim, tentando como é que se diz: trazer esse povão de volta para feira livre, porque o bom mesmo é estar na feira livre, não é? Que nem agora no fim do ano mesmo, é uma maravilha, todo mundo vem de São Paulo, vem do Rio, se encontra onde? Na feira. Vou à feira porque vou encontrar com todo mundo (risos) e aqui se encontra, acaba comprando alguma coisa para levar para São Paulo, para o Rio. Isso é uma coisa boa, trabalhar na feira é gratificante, porque se, na verdade, não fosse, eu não estaria aqui há mais de 40 anos, pois eu estou com 54 (risos). Eu estou aqui trabalhando e me sentindo bem, graças a Deus, entendeu? É como diz, é uma coisa que eu comecei em honrar a profissão do meu pai, e continuo agora por prazer, né? E satisfação, porque eu tenho prazer em trabalhar aqui na feira.

Esses movimentos da feira retratados por Zete me movem para perceber, nas relações entre vendedores e fregueses, um outro significado para o lugar, por conta dos fluxos de afetos que atravessam essas ações cotidianas, bem como as intensidades que se tornam perceptíveis à medida que esses sujeitos criam outros territórios para expressar as culturas e educações.

Segundo Bhabha (1998, p.248), [...] “à cultura como lugar enunciativo, promulgador, abre a possibilidade de outros “tempos” de significado cultural”. É nesse sentido que esse povo tão criativo vai tecendo nos enunciados uma nova forma de produção cultural.

Com isso, vou confabulando meus pensamentos e percebendo que a feira livre não se deixa capturar por completo, para extrair seus (entre) lugares, ela pede um modo de

percepção, uma cartografia sensível à leveza da resistência que brota nas existências e nas relações do seu povo.

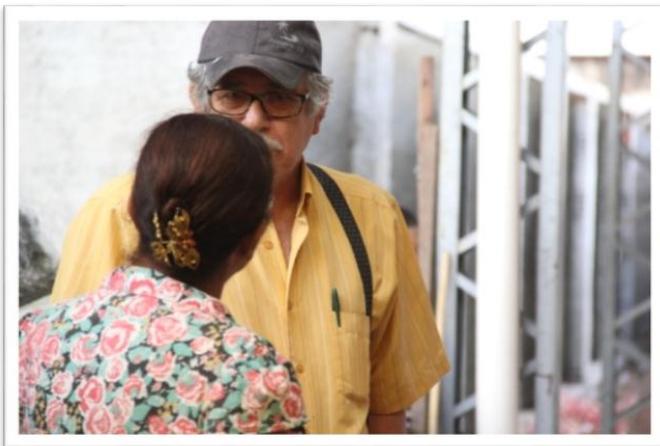
Nesse sentido, é por meio da linguagem que esse povo da feira encontra novos significados de culturas, provocados pelas tensões e contradições, geradas pela presença do outro, na realização do enunciado, daí os lugares se produzirem nessa fronteira da linguagem. Bhabha (1998, p.27) nos diz:

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com ‘o novo’ que não seja parte do *continuum* de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um ‘entre-lugar’ contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O ‘passado-presente’ torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver.

A força desse pensamento revela o conceito da diferença cultural, como diz Bhabha (1998), que é entendido como o processo de significação através do qual afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, em que as influências de uns sobre os outros e não uma tradição cultural em si mesma.

Ao me dar conta desse afeto, sinto que há brechas nesses enunciados críticos sobre as armadilhas do sistema econômico, que o povo da feira conspira contra o poder por meio das lutas diárias, que na tensão produzem novos afetos criando novas identidades culturais. Nesse instante, vejo a Anizete virar-se para o freguês e começar a conversar com ele: *Como tem passado de saúde? Por que não veio mais aqui?* Não consegui ouvir o freguês porque este quis apenas que a vendedora soubesse dos seus motivos.

Figura 18: Con-versas entre amigos



Imagens que registram a singularidade de um momento e dilatam possibilidades de criação para outras ressonâncias.

Reconheço que esses enunciados, contidos nesse bate-papo de Zete, fazem a proeza do lugar de transformar sujeitos de sua história e de suas vivências e colocam- nos diante de um

momento, ou movimento, tocante e reconhecível de enfrentamento da relação da política com as decisões que esse povo da feira tem socializado no poder de criação. Continua a participante:

A feira livre é uma maravilha, por ser esse lugar das pessoas encontrarem parentes, amigos, de aprender com o outro, também é aqui que os grupos se apresentam: da capoeira, da Filarmônica, Dois de Janeiro. Esse dia é uma festa para as comunidades que nos visitam. Meu compadre, que já faleceu, vinha todo sábado rezar as enfermidades das pessoas e ensinar o poder das ervas medicinais, tinha um grande prazer de fazer isso sem querer nada em troca.

Essas palavras me apresentam a oportunidade de poder compreender a força viva com que esse povo da feira continua lutando contra o afeto dominante, abrindo caminhos e satisfazendo o corpo de esperanças. Meu olhar percorre outros boxes, como se procurasse mais expressões e outras imagens surgem como pedaços de uma vivência:

Figura 19: Uma mulher, uma performance



A performance da mulher que, alheia a coisas ao seu redor, vai traçando outras construções de desejos, que fica impedida a restringir seus movimentos a um campo de territórios conhecidos.

De volta, Zete chama a minha atenção:

A feira começou nesse lugar na década de 20 veio do mercado velho porque lá não cabia mais, foi crescendo e cresce até hoje. Tem os vendedores de muitos anos, mas todo sábado você encontra pessoas novas com barracas de verduras, beijos e outros produtos. Tem gente que planta um pouquinho na roça e vem vender na feira, porque aqui tem lugar para todo mundo. Nós que somos pequenos, vendemos para o povão, a nossa associação está buscando melhorias para trabalhar adequadamente, de acordo com o que a vigilância sanitária cobra só que é muito difícil, é complicado, mas vamos ter que fazer para que essa feira não acabe, porque se fechar o comércio de carne, acaba a feira, porque quem vem comprar a carne, compra a verdura, a fruta. É isso.

Podemos dizer que, para alguns vendedores, a feira é lugar de comercializar produtos da roça, já para outros, ela é caracterizada como motivadora de ideias, meio, conquista e

princípios, onde essas pessoas produzem uma aliança de forças quebrando a hegemonia do lugar para melhorar uma política baseada no conformismo e universalismo.

Para Bhabha (1998, p. 57) “[...] a contribuição da negociação é trazer à tona o “entre-lugar” desse argumento crucial; ele não é autocontraditório, mas apresenta de forma significativa, no processo de sua discussão, os problemas de juízo e identificação que embasam o espaço político de sua enunciação”.

Nesse cenário, o hibridismo cultural se faz presente pelos movimentos de mudança, de buscas afirmativas, possibilitando novos territórios e reconhecimentos dessas diferenças culturais. Para Bhabha (1998, p.22), “[...] essa passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural, que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta”.

Sendo interrompida em pensamentos, Zete mostra a organização da sua barraca, tudo naquela meio desordem, carnes expostas por todos os lados, facas, panos, serra de ossos, balança, bancada, tudo isso e o que não guardei na memória. Ela me diz:

Tem uma senhora que nunca tinha vindo para feira. O marido era quem sempre fazia a feira, ele é meu freguês. Ela disse que andou em tudo que é lugar, o pessoal tratava meio indiferente. Ela chegou parou no meu box, né? Aí comprou a costelinha. Eu vim, cortei com todo carinho. Na outra semana, ela tornou vir, aí ficou me olhando e disse: “Olha eu não faço feira, quem faz é meu marido, mas a segunda vez que eu venho na feira, eu venho nesse box, porque a senhora trata tão bem, tem um carinho de cortar a carne, sabe?”

Zete prossegue em seu relato sobre o diálogo:

Ótimo, graças a Deus isso é muito bom. É isso que faz parte da gente, como é que diz? Tratar bem as pessoas para ser bem tratada, aqui na feira tem esse tipo de coisa, que eu, pessoalmente, da maneira que eu trato uma pessoa que compra 100 quilos de carne, eu trato aquela que compra duzentos gramas, para mim não tem diferença, sabe? Desse lugar que tanto gosto, já trouxe meu marido, que trabalhava numa firma muito boa, mas eu falei venha trabalhar na feira, porque aqui é muito bom.

Nesses tantos fiapos de conversas, me parece que Zete, na sua luta cotidiana, não se restringe somente a sua participação do coletivo da família, ela tem a compreensão do seu papel dentro da família e da feira e isso a deixa mais confiante. Implica que ela “[...] traz à tona os movimentos de resistência das mulheres a uma sociedade disciplinar, a um regime fordista característico do capitalismo industrial”. (ROLNIK, 2014, p.14-15). Nesse acompanhamento de afeto dela, fico atenta a tudo porque parece que existe um começo de

desterritorialização possível a cada momento de existência tracejada no modo de agir dessa mulher.

Essa, aliás, foi uma conversa muito interessante porque sinto a presença de uma micropolítica, que brota do corpo e do desejo. Para Rolnik (2014, p.60):

Micro é a política do plano gerado na primeira linha: cartografia. O princípio de individuação, neste caso, é inteiramente outro: não há unidades. Há apenas intensidades, com sua longitude e sua latitude; lista de afetos não subjetivados, determinados pelos agenciamentos que o corpo faz, e, portanto, inseparáveis de suas relações com o mundo.

Chega ao fim nossa conversa. É hora de me despedir de Zete. Encerro meu diálogo nesse segundo momento de sondagem e vou para casa tomada de pensamentos sobre a conversa que tivemos. Já sinto alguns atravessamentos pelas expressões obtidas, fortalecendo caminhos dos (entre) lugares que se compõem nessa feira que se desdobra na leveza de entendimento do seu povo.

Sinto que já posso me despedir de Zete e sugiro que ela faça uma imagem que expresse o seu encantamento pela feira livre. Prontamente, ela faz essa produção:

Figura 20: Movimentos com presenças



É colocando a presença dos movimentos no interior das expressões que podemos compreender os poderes da linguagem.

### 3.3 NO VOO DE ALAILTON

Após três dias do que havíamos combinado, vou visitar Alailton. Antes de chegar ao lugar onde trabalha, vou passando entre diversas barracas, são muitos produtos expostos a preços variados que são anunciados nos berros dos vendedores, chamando a atenção do

freguês até os anúncios espalhados pelo lugar, são muitos ruídos que me acompanham, mas sigo procurando outros afetos que se exprimem nas expressões e sentidos do lugar.

Esse caminho se faz entre pessoas e penso em Rolnik (2014, p.41),

Um campo que vai se instalando, pouco a pouco; fonte geradora de estado de graça, expandindo-se por todos os recantos de ambas as existências, campo de renovação de seu viço; ritmo dessa renovação.

Compreendo que a feira seja esse lugar fronteiro para a linguagem, em que o sujeito é interpelado discursivamente e apresenta sua identidade cultural, sua alusão a um tempo presente em um espaço específico.

Era um sábado, ao frescor da manhã, a caminho da feira livre, vi paisagens que pareciam pinturas na parede de casa. Eram árvores frondosas, plantas coloridas, pássaros cantarolando, casas, lanchonetes, jardins, fui sendo tomada por diversos movimentos. Sentindo no ar uma mistura de cheiros, sons das mais diversas fontes, barracas, pessoas, movimentos. O meu pensamento se fazia diferente, mudava de cor, passava a ser pintado pelo colorido do lugar por onde eu caminhava. Tudo à minha volta se expressava como saberes, poderes, sentidos. Sem que eu me acostumassem com tantas expressões, esbarro nessa imagem que encheu meus olhos pela vivacidade das cores e senti-me assim, tomada por todo colorido:

Figura 21: Flores que in-ventam



Se você encontra flores que desenquadraram um lugar é porque há chances de ver o mundo colorido.

Cheguei ao encontro marcado com o Alailton, que já voa na feira há 36 anos. Cumprimentei-o e tomei iniciativa, e a conversa teve seu prelúdio. Ele queria falar um pouco da sua história de vida, e, atenta às suas ações, me coloquei a escutá-lo:

Comecei aqui na feira em 1978, com 14 anos de idade. Eu vinha catar cebolas que caíam dos caminhões das descargas, aí eu enchia pequenos sacos e ia vender essa cebola. Com três meses de trabalho botei minha barraca, que é essa, só que tinha

pouca coisa, mas depois eu fui comprando mais produtos e enchi a barraca. De uns tempos para cá foi ficando fraca a venda de verduras, aí eu botei o artesanato, que trouxe bons lucros, porque frutas e verduras perdem fácil. Não me arrependi, até hoje estou satisfeito, também o povo aqui me respeita por eu ser diferente e negro, ninguém faz chacota de mim. Ele me explica que ser diferente nesse sentido é ser homossexual. Ele continua: Eu nunca fui à escola estudar, meus pais não tinham estudo e não incentivaram para eu estudar. O pouco que aprendi foi aqui na feira com meus colegas de barracas.

Esse último enunciado me prende a Brandão (2007, p.16) “[...] a educação existe sob tantas formas e é praticada em situações tão diferentes, que algumas vezes parece ser invisível, a não ser nos lugares onde pendura alguma placa na porta com o seu nome”. Nesse ponto de vista, a educação está presente na feira livre porque expressa muito dos saberes do seu povo; entra em cena nas forças políticas dos grupos excluídos por meio dos discursos de intervenção no aqui e agora.

Continuo no dizer de Brandão (2007, p.10) “A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar *comum*, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é *comunitário* como bem, como trabalho ou como vida”, compreendendo-a, a partir dos encontros cotidianos, saberes partilhados e as construções coletivas sem escalas e hierarquias.

Vê-se uma educação como acontecimento, como potência que passa por cada um de nós, e que nos obriga, na prática pedagógica, a abandonar uma ação pautada somente no território da educação escolarizada, possibilitando alargar nossos entendimentos sobre o que é educação.

Assim, compreender esse tipo de educação que está para além da escola é uma atitude de mostrar a contramão de uma educação dominadora e reprodutora de um sistema do poder. Desde as ações cotidianas, pensar esses conceitos como acontecimentos em busca de uma educação mais emancipadora e transformadora de sujeitos que ocupam um lugar, abre-se para muitos outros lugares.

Nesse sentido, procuro mostrar ao Alailton, através de exemplos vivenciados na feira, o quanto ele possui de saberes e que nessa tenda há muitas formas de aprender: na venda dos produtos, na arte de criar, partilhar e fazer circular saberes, de desafiar a apreender com os outros. Percebi, então, que ele se sentiu mais confiante e falou: *Aqui, quem é ignorante deixa logo de ser, aprende logo o ofício da profissão, o que a gente não sabe pergunta para o colega e assim vamos fazendo nosso comércio.*

Nesse relato, senti no ar um afeto de descontentamento do participante, mas, entendi que a educação escolarizada nunca foi privilégio de todos nesse país. Entretanto, encontro em

Brandão (2007, p.9): “[...] Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante”.

E por adiante, Brandão (2007, p.10) continua:

Em mundos diversos a educação existe diferente: em pequenas sociedades tribais de povos caçadores, agricultores ou pastores nômades; em sociedades camponesas, em países desenvolvidos e industrializados; em mundos sociais *sem classes, de classes*, com este ou aquele tipo de conflito entre as suas classes; em tipos de sociedades e culturas sem Estado, com um Estado em formação ou com ele consolidado entre e sobre as pessoas.

Mas fico pensando nos outros pontos declarados no enunciado do Alailton, da sua subjetividade, essa parece ser a questão mais conflitante dele, de enfrentar uma sociedade marcada por estereótipos que criam imagens representativas. Porém, esse vendedor tem o desejo de sair desse estado de fragilidade, pois é dessa coragem infinita que ele se alimenta e se mobiliza para firmar uma nova presença no lugar.

Como nos diz Bhabha (1998, p.83):

Cada vez que o encontro com a identidade ocorre no ponto em que algo extrapola o enquadramento da imagem, ele escapa à vista, esvazia o eu como lugar da identidade e da autonomia e- o que é mais importante- deixa um rastro resistente, uma mancha do sujeito, um signo de resistência.

Nesse sentido, a identidade do sujeito vendedor se coloca na esfera do enunciado, e não no da lógica ou da história, tem-se um sujeito na fronteira enunciativa de sucessivas outras vozes e histórias heterogêneas, até divergentes, como sexualidade, grupos minoritários, tornando-o consciente da construção das culturas, (re) inventando a tradição.

Fico interessada ainda mais na conversa, porque sinto uma presença carregada de desejos outros que se anunciam por meio dessa prática do vendedor. Interrompendo meus pensamentos, Alailton diz: *Nós somos assim, não deixamos a peteca cair, a cada dia aprendemos coisas novas, com os colegas, ou pessoas que vem de outros lugares, pelo menos não ficamos parados no tempo. Diz ele: Eu mesmo percebi que estava na hora de aprender mais o trabalho com as hortaliças, que perde rápido, aí fui conversar com o japonês que me ensinou a manusear.* E continua a dizer:

É gente de todo jeito aqui, uns mais amigos, outros mais diferentes, e assim vamos convivendo com todos, sem essa coisa de quem sabe mais, ou menos, o importante é saber aproveitar as oportunidades daqui do lugar. O negócio é negociar, nós não usamos cartão ainda, mas tem barraca que já está usando, se o freguês não compra com você vai comprar na outra barraca e sempre compra.

Enquanto Alailton descrevia as situações corriqueiras da feira, sintonizava meus pensamentos aos dizeres de Bhabha (1998, p.35), o entre lugar é um local intersticial, então: “é um sujeito que habita a borda de uma realidade intervalar. E a inscrição dessa existência fronteiriça habita uma quietude do tempo e uma estranheza de enquadramento que cria a “imagem” discursiva na encruzilhada entre história e literatura, unindo a casa e o mundo”. Para Alailton, a feira seria lugar de afetos, intensidades, fluxos do cotidiano e das memórias traduzidas de uma vida inteira, nos saberes apreendidos, nas relações estabelecidas, nos enunciados proferidos das ações intentando demandas, o lugar livre para interagir.

Isso, para ele, é marcante porque desenvolve outras ações que compensam essa ausência da educação escolarizada, no engajamento coletivo, na criação de estratégias de enfrentamento diário, na consciência social. Ações que têm a força viva expressa no desejo de criar novos territórios, deixando expressa a sua identidade social.

Em meio a tantas ideias que me ocorrem, Alailton mudou de assunto e disse-me: *A capoeira todo sábado vem se apresentar aqui, mas os repentistas e os cantadores só de vez em quando, igualmente, os políticos, que só aparecem na feira, quando é para pedir voto.*

Há um por que desses signos estarem presentes na feira, como diz Bhabha (1998, p.240):

Há mesmo uma convicção crescente de que a experiência afetiva da marginalidade social - como ela emerge em formas culturais não-canônicas - transforma nossas estratégias críticas. Ela nos força a encarar o conceito de cultura exteriormente aos *objets d'art* ou para além da canonização da ‘ideia’ de estética, a lidar com a cultura como produção irregular e incompleta de sentido e valor, frequentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis, produzidas no ato da sobrevivência social.

Isso implica dizer que a cultura se antecipa para dar ao cotidiano um movimento aos afetos, de potencializar os desejos dos grupos excluídos, de empoderamento de forças com intuito de quebrar os estereótipos impostos pelo sistema de poder. Nesse sentido, a capoeira é transformadora da história e resistência, não somente reproduzindo um passado no presente por meio de luta, em que evita a política de obediência e faz surgir uma nova identidade cultural e política do sujeito quando esse se faz aberto para a experiência.

Em meio ao meu pensamento, ouço o som de Guilherme Arantes, que toca na barraca de CDs: “Amanhã, será um lindo dia... Redobrada a força/ Pra cima que não cessa/ Há de vingar”<sup>13</sup>. Também vêm as ideias de Rolnik (2014b, p.31), “afetos só ganham espessura de real quando se efetuem”. Pensar sobre essas questões seria perceber que a feira possibilita

<sup>13</sup> [www.vagalume.com.br](http://www.vagalume.com.br) > Romântico > G > Guilherme Arantes.

despertar do campo molar, das resistências quer sejam individuais ou coletivas para um campo molecular, de uma luta, de um tipo de vida que vibra.

Alailton: *Nós, aqui na feira, procuramos criar uma relação de amizade, meus colegas são companheiros de lutas, quando estamos buscando melhorias, conversamos antes e decidimos o que vem a ser melhor para todos.* Reconheço os desejos que ecoam das palavras dele, da expressão que o lugar ocupa na sua vida, dos afetos que vão tocando pontos diversos, onde vão nascendo outros movimentos, mudando os territórios do sistema que contestam. Nisso, chamo Rolnik (2014, p.204), “[...] esta é uma condição, inclusive, para que a tão falada ‘abertura’ democrática não seja uma planta exótica de difícil aclimação por estas paragens, e que os visivelmente ‘oprimidos’ possam de fato lutar contra sua inaceitável opressão”.

A palavra continua com Alailton:

A feira daqui é bastante legal! Todos os dias é um acontecimento, as pessoas vêm apresentar alguma coisa: o bingo, que fazemos apostas, a banda Dois de Janeiro, a capoeira, sempre tem uma atração na feira, não há lugar para a tristeza.

Constatei na fala do vendedor uma forte presença de reciprocidade através do trato com seus colegas, com os fregueses, indicando a abertura de territórios para novos mundos. Um som de Gilberto Gil ao lado da barraca dele me surpreendeu: “Andar com fé eu vou,/que a fé não costuma "faiá"/Andar com fé eu vou,/que a fé não costuma "faiá"/Andar com fé eu vou,/que a fé não costuma "faiá"/Andar com fé eu vou,/que a fé não costuma "faiá"<sup>14</sup>. Fica da música e dos movimentos vivenciados nessa conversa com Alailton que é preciso reinventar, nada de afetos estáticos. Encerro esse diálogo com ele, tocada por diversos pontos da nossa conversa, que potencializam meus desejos de expressar os (entre) lugares que vão se produzindo desses enunciados. É que muito dos movimentos incitam outros afetos, principalmente na questão da cultura e educação. Aqui, despeço-me do vendedor que registra a imagem a seguir.

---

<sup>14</sup> [www.vagalume.com.br](http://www.vagalume.com.br) > MPB > G > Gilberto Gil.

Figura 22: Uma conversa, outros sentidos



O que podemos pensar da imagem quando é atravessada por outros afetos sem-pressa?

Fonte: Alailton, junho, 2015

### 3.4 NO VOO DE DONA HELENA

Quem vai à feira livre de Jacobina pode perceber a animação e dedicação com que os vendedores atendem os fregueses, um lugar de gente que conta histórias, de vida e de feira. Do começo ao fim é uma grande algazarra, ouvem-se sons sincronizados, movimentos intensos. Afetos que atravessam em seus aleatórios encontros. O corpo vibrátil em mim está anunciando, na pulsação, a ansiedade de falar e ouvir as histórias, principalmente as contadas por Dona Helena, que aguarda esse momento. Primeiro, nos cumprimentamos; e o diálogo se inicia. Essa senhora é a mais idosa que participa da pesquisa, com 79 anos de idade, seu voo na feira já perdura por 38 anos, ela diz: *É hora de parar...* Meio saudosista, Dona Helena traça um mapa geográfico da feira: *Lá pelos anos 20 a feira veio do mercado velho para aqui, porque a de lá era pequena, realizava-se com cinco vendedores, inclusive eu, que compravam mercadorias em Feira de Santana, BA, e as negociavam em Jacobina, tudo era muito rudimentar*<sup>15</sup>. Continua a dizer:

De lá para cá muita coisa mudou: aumentaram-se os produtos, tem uma quantidade muito grande de vendedores, sejam produtores ou negociantes, não tinha muito esse aparelho, aí a gente conversava mais, dava conselhos uns aos outros, foi um tempo bom, mas hoje também é bom, as pessoas gostam de saber coisas novas, já gosto de falar com esses meninos (risos).

<sup>15</sup> Segundo Afrânio Peixoto (1947, p.269), as feiras têm uma grande importância por que: “Arcaica e constante, a instituição das feiras foi fenômeno sociológico e econômico tão importante para troca e aquisição de mercadorias, e ocasião de se encontrarem homens e mulheres, que determinou em nossa língua a mudança dos nomes tradicionais, dos dias da semana, que a baixa-latinitude se propaga aos povos românicos”.

Neste sentido, os sujeitos não apenas expressam a sua cultura, mas a mesclam com outras, produzindo identidades diferentes, perturbando a razão da situação hegemônica e (re) instalando lugares híbridos, alternativos, de negociação cultural. Esse lugar híbrido insere sujeitos em contextos sociais através do seu enunciado discursivo, apresenta a sua diferença cultural em contínuo processo de elaboração, de transformação e ressignificação. Escreve Bhabha (1995, p.23):

O presente não pode mais ser encarado simplesmente como uma ruptura ou um vínculo com o passado e o futuro, não mais uma sincrônica: nossa auto presença mais imediata, nossa imagem pública, vem a ser revelada por suas descontinuidades, suas desigualdades, suas minorias.

Nesse momento da conversa, Dona Helena aponta para a outra barraca onde há duas mocinhas conversando ao mesmo tempo, falando ao celular. Eu reparo que essas mudanças trouxeram outros territórios, porque nada do que acontece na feira é parado, porque tudo se faz em movimentos. Entro nesses tempos passado-presente através dessas imagens:

Figura 23: Uma feira, dois tempos (Feira livre - 1964-2015)



Fonte: Lindenício Ribeiro, 1964

Sem dúvida, esse povo traz para a feira pedaços inteiros de seu passado e reencontram um tempo esquecido, não o cronológico, mas o tempo de forças que percorrem o invisível nos discursos hegemônicos. Tem-se um presente (re) inventado, não é mais passado e nem presente, é um terceiro espaço explorado.

Chamo Bhabha (1994, p.240) para dizer: “[...] Isto demanda uma revisão radical da temporalidade social na qual, histórias emergentes possam ser escritas; demanda também a rearticulação do ‘signo’ no qual se possam inscrever identidades culturais”.

E mais adiante, continua (1994, p 240.), “Esse ‘indeterminismo’ é a marca do espaço conflituoso mas produtivo, no qual a arbitrariedade do signo de significação cultural emerge no interior das fronteiras reguladas do discurso social”.

Para Certeau (1994, p.209) “[...] não existe espacialidade que não organize a determinação de fronteiras”. Dona Helena segue dizendo:

Ao chegar à feira, tem-se o prazer de conviver com várias pessoas, gente que vem de todo lugar, porque a feira daqui atende essa microrregião, as pessoas procuram pela grandeza da feira, de muitas opções de produtos, também é bom para a cidade que gera emprego, para as pessoas.

Acabo de lembrar do cartógrafo em Rolnik (2014, p.67) “[...] ele sabe que inúmeras são as estratégias dessa coexistência-pacífica apenas em momentos breves e fugazes de criação de sentidos; assim como inúmeros são os mundos que cada uma engendra”.

Continuando a conversa:

As reuniões que acontecem aqui são para buscar soluções para os problemas que convivemos na feira, no caso da higienização do local, das lonas que estão em péssimo estado de conservação, da ampliação dos boxes de carnes, da mudança dessa feira para outro lugar, porque esse lugar já não comporta mais a demanda.

Penso que, talvez, seja nessas ações que o lugar se desenquadra, porque essa gente se adianta para fora da política de civilização colonial, surge uma cultura estratégica de sobrevivência.

Volta a conversa com a vendedora, que me conta com desembaraço sobre as experiências que ela tem da feira, das trocas de saberes que acontecem todos os dias. Ela expressa: *Todo mundo aqui vive de troca, seja de produtos ou de ideias, os vendedores mais velhos sempre dão conselhos aos jovens, porque é como se nós fôssemos os pais deles, estão sempre vindo à minha barraca para eu contar uma história.* Fico curiosa em conhecer uma dessas histórias e sugiro que ela conte para mim e, sem relutância, ela começa:

Quando eu tinha 35 anos já trabalhava numa pequena barraca de pau na feira, junto à minha comadre Maria do Tomate. Nessa época, havia poucos vendedores: Regina, Laura e Jonas, que tinha a cara muito feia, não gostava de conversar com ninguém, era metido. Eu tinha uma amizade muito grande com minha comadre. Era uma feira animada e sempre que terminava a feira a gente ficava sentada batendo papo, tirando retrato e esperando o carro para pegar as mercadorias. Foi um tempo de muitas alegrias, uma felicidade que deixava o tempo passar sem preocupação com nada. Até hoje eu tenho o retrato daquele tempo. Quer ver?

Disse que sim, e ela me mostrou:

Figura 24: Duas amigas, uma história



Imagem que atravessa o tempo, das coisas, de gentes...atra-vessa

Um lugar em movimento, expressivo, intenso, que fixa a peculiaridade de um momento que nos traz um acontecimento pelo olhar simples e complexamente...

Versos...

Fonte: Helena dos Santos, arquivo pessoal, 1930

Dona Helena continuou a sua linda história: *Depois disso, viemos para a feira aqui no centro de abastecimento, mas não continuamos as conversas, cada uma tomou rumo diferente na vida. É difícil a gente se ver.* Esse relato da amizade das duas amigas mostra um lugar praticado em sentidos e expressões que promovem os encontros delas, dos outros, de histórias que transitam todos os dias, subjetividades mutáveis, um ritmo frenético na vida do povo da feira e, ao mesmo tempo, contemplação de um tempo-espço que não se fixa. Ela pergunta: *Gostou da história, pró?* Digo que sim e ela se satisfaz. Sinto sua satisfação pela expressão de seu rosto.

Em tal momento do enunciado, o desejo de Dona Helena torna-se presente algo do passado, tradição e modernidade, no sentido da representação cultural e de sua satisfação. Porém, ao significar o presente, tem-se uma tradução da memória histórica.

Nesse momento, chegam fregueses na barraca e sinto que está na hora de me retirar, pois Dona Helena já está em um bate-papo com outros vendedores. Então, me despeço e firmamos um compromisso, caso eu precisasse falar com ela novamente, ela estaria ao meu dispor.

### 3.5 NO VOO COM ERIVELTON

Hoje, dia de sábado, o encontro é com Erivelton. Desde cedo, está fazendo um calor intenso, o sol já anuncia que teremos um dia bastante quente. Gostaria de estar imersa na artimanha da linguagem para compor bons territórios, narrados pelo vendedor, pois escrever é transformar imagens, desenhando rendas. Desde o instante que cheguei, fui direto para a barraca dele, começamos a conversar: *Iniciei na feira com sete anos de idade, bem pequeno, pois os meus pais eram vendedores, não tinham com quem me deixar em casa, então, eu vinha com eles e ficava brincando embaixo da barraca até a feira acabar.*

Naquele momento, me veio a ideia de comparar essa história com o som de Luís Gonzaga<sup>16</sup>: “*Se a gente lembra só por lembrar.../Pro cabra se convencer/Que é feliz sem saber/pois não sofreu...*”. Esses pensamentos deixam-me tocada, porque também frequentei, de outra maneira, a feira quando era criança. Mas, lembranças à parte, volto-me para Erivelton, que, absorto aos pensamentos, disse: *Tirei o ensino médio, queria fazer faculdade, mas as condições eram mínimas, por isso não fiz e hoje estou satisfeito nesse lugar e quero labutar aqui até os últimos dias da minha vida.*

Muitas leituras podem ser inferidas dessa fala: passam por questões políticas, econômicas, sociais que influenciaram ou influenciam diretamente no processo educativo do vendedor. Para compreender melhor essa situação, estancando o fluxo recorro a Bhabha (1998, p.239) que diz:

[...] forças desiguais e irregulares de representação cultural envolvidas na competição pela autoridade política e social dentro da ordem do mundo moderno. As perspectivas pós-coloniais emergem do testemunho colonial dos países do Terceiro Mundo e dos discursos das “minorias” dentro das divisões geopolíticas de Leste e Oeste, Norte e Sul. Elas intervêm naqueles discursos ideológicos da modernidade que tentam dar uma “normalidade” hegemônica ao desenvolvimento irregular e às histórias diferenciadas de nações, raças, comunidades, povos. Elas formulam suas revisões críticas em torno de questões de diferença cultural, autoridade social e discriminação política a fim de revelar os movimentos antagônicos e ambivalentes no interior das “racionalizações da modernidade.

São heranças da época colonial que marcam essas desigualdades econômicas e culturais, que não se enquadram mais no presente. E esse vendedor precisa romper com essas amarras do conformismo e lutar pelos seus desejos. Não há problema algum ser vendedor e cursar uma faculdade. Pelo que vejo, é uma vibração de desejos, que lembra aquele timbre de

<sup>16</sup> [www.lettras.mus.br](http://www.lettras.mus.br) > MPB > Luiz Gonzaga > Que Nem Jiló.

Elis Regina: *Mas é você que ama o passado e que não vê/ É você que o passado e que não vê/Que o novo sempre vem*<sup>17</sup>.

Encontro em Bhabha (1998, p.242) uma suavidade ou ao menos compreensão para com meus pensamentos. Ele diz: “os discursos críticos pós-coloniais exigem formas de pensamento dialético que não recusem ou neguem a outridade (alteridade) que constitui o domínio simbólico das identidades psíquicas e sociais”, esses enunciados combatem os discursos ideológicos da contemporaneidade, que tenta dar uma regularidade hegemônica aos acontecimentos, às histórias diferenciadas dos povos, das etnias, são enunciados que criam outros signos de significados para combater essas irregularidades através da reescrita de novas histórias.

Sou chamada a atenção por Erivelton: *A feira é um lugar que acolhe as pessoas, o que faz com que a gente goste de trabalhar aqui. Veja aquele senhor, ele me aponta. Aquele senhor todo sábado vem conversar com seu amigo aqui na feira. Não é bom, as pessoas viverem assim com amizades e alegres? Olho para a direção que o vendedor aponta:*

Figura 25: O instante provoca afetos



O instante provoca afetos alheios aos movimentos que transitam no lugar, emergem de outros sentidos...

É o (entre) lugar que aparece no meio de tantas histórias, em meio a tantas conversas e situações...

Comparo esse vendedor à noivinha que descola em Rolnik (2014, p.151)

[...] mas sabem que, para isso, têm que se livrar da captura, potência mortífera tão ou mais forte que a potência de vida nas atuais condições: nessa sua resistência, são até parecidos com seus colegas “americanos” de outros países. Porém, diferentemente daqueles, pensam que, se querem se livrar da captura o mais radicalmente possível, é para, também o mais radicalmente possível, fazer de suas vidas um terreno fértil para os afetos dos tempos que correm: em seus corpos, história e geografia são absolutamente indissociáveis.

<sup>17</sup> [www.vagalume.com.br](http://www.vagalume.com.br) > Bossa Nova > E > Elis Regina.

Continuo ouvindo Erivelton:

Poderia falar de quantas barracas tem aqui, de quantos vendedores fazem essa feira, mas sei que seria o mesmo que não dizer muita coisa para a senhora. Então gosto mais de falar do povo que vem para essa feira: os ciganos, com seu jeito que chama a atenção no modo de se vestir e de falar, os estrangeiros, com sua língua diferente, pessoas de todos os lugares. Aqui, a gente atende todo tipo de gente, mas procuramos tratar todos iguais.

Abismada com essa fala, concordo com Erivelton que a feira não é feita só disso, mas das relações entre o molar e o molecular. Temos essa mistura que hibridiza o lugar, como diz Bhabha (1994, p.65), “[...] nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro”. Então, podemos arriscar que somos atravessados por culturas diferentes na fronteira da linguagem, que nos tornarmos híbridos, é sinal de reconhecimento de que não há uma cultura homogênea?

Pergunto a Bhabha (1998, p.24), ele responde:

Os próprios conceitos de culturas nacionais homogêneas, a transmissão consensual ou contígua de tradições históricas, ou comunidades étnicas ‘orgânicas’ – enquanto base do comparativismo cultural –, estão em profundo processo de redefinição.

Quero continuar nesses pensamentos, mas ouço esse grito: *Ei, ei, pamonha quentinha, quem quer comprar? Olha a pamonha, moça, moça bonita não paga, mas também não leva, olha a pamonha seu moço!*

Vejo a cena enunciativa e percebo que é uma criança que está vendendo o produto. Nisso, pergunto a Erivelton quem é aquela criança, ele me diz: *A mãe dele vende as pamonhas num lugar aqui na feira e coloca o filho para sair vendendo também.*

Nesse instante, meu pensamento caminha para a linguagem, que inscreve o sujeito no enunciado e privilegia outras construções de sentidos do texto. Ao vender o produto vende-se uma maneira de viver, o ‘eu’ na posição de domínio e posicionamento. Esse sentido dúbio da linguagem enriquece o enunciado do vendedor que parece ter consciência disso no lugar que é colocado.

Quando falamos em ambivalência da linguagem, queremos dizer que o novo lugar de enunciação implica uma temporalidade discursiva híbrida e transgressora. A voz da minoria já ressoa no enunciado, e não em um conformismo de passado-presente. Segundo Bhabha (1998, p.51) “[...] Este é um sinal de que a história está acontecendo – no interior das páginas da teoria, no interior dos sistemas e estruturas que construímos para figurar a passagem do histórico”.

Segue a descrição do Erivelton:

O momento que mais dá alegria na feira é rever os amigos, aprender com eles várias coisas e lutar por uma feira melhor, em que os vendedores tenham apoio do poder público, porque nós somos responsáveis pelo crescimento dessa feira e não é justo que só olhem para a gente, na hora de cobrar os impostos.

Nesse momento, penso em Bhabha (1998, p.25): “Cada vez mais, as culturas “nacionais” estão sendo produzidas a partir da perspectiva de minorias destituídas”. Vejo que o vendedor aprecia as demandas do lugar, porque a feira agencia maneiras e espaços de possibilidades coletivas, entre vendedores e fregueses, para o acesso ao poder político.

Isso tudo me encanta, na simplicidade, na convivência de todos os dias, na expressão nada corriqueira de mostrar o que foi, o que é, e o que não é, e não somente o que se convencionou chamar de ‘lado bonito’ das coisas. A feira é mesmo esse lugar híbrido, uma alteridade, um acontecimento.

Em instante, vejo pessoas chegando com sacolas que provavelmente devem encher com os produtos, trazem alegria e muita disposição, cumprimentam os vendedores e espalham-se pela feira. Erivelton vê o meu desejo de saber e diz: *são fregueses que chegam mais tarde na feira para aproveitar os preços que a gente baixa, mesmo que os produtos já estejam com aparência feia.*

Aqui, poderia estender mais essa conversa, mas chegam alguns fregueses na barraca e com sutil sugestão peço ao vendedor que produza uma imagem que para ele seja a apresentação da feira livre de Jacobina. Ele concorda e faz essa imagem:

Figura 26: Das imagens, tudo flui



Nas imagens, tudo flui em talho, fenda, beleza, intensidades, quebras de movimentos. Feira, simples e difícil de enquadrar.

Fonte: Erivelton Araújo, junho, 2015

### 3.6 NO ÚLTIMO VOO COM JANDERSON

O dia já amanheceu, acordei pensando no encontro com Janderson. Escuto vozes e decido sair logo de casa. Essa visita é muito leve porque esse vendedor é muito divertido, seu voo na feira já existe há 11 anos. Chego a sua barraca e a conversa começa:

Estou na feira já há bastante tempo, meus pais me traziam para a barraca porque eu era criança e não podia ficar sozinho em casa. Fui crescendo e ajudando meu tio na barraca dele, depois de três anos, ele passou a barraca para mim, é essa que estou até hoje.

Constato que estou diante de uma situação corriqueira para os vendedores, quanto maior seu tempo de barraca, maior o envolvimento da família no local de trabalho e identifico que esse afeto de coragem e satisfação não desapareceu de Janderson. Continua o vendedor:

Tenho o ensino médio completo, mas foi difícil terminar porque na escola a gente só bagunçava, os professores faltavam muito e eu sempre quis aprender mais. Lá sempre tinha aulas vagas, não gostava das aulas, porque eram assuntos que não tinham nada a ver com o meu trabalho aqui na feira, por isso não quis fazer vestibular. Também, as pessoas diziam que eu não tenho cabeça para estudar, já tenho minha barraca na feira, o que mais posso querer?

Em meio ao relato do vendedor, me vem a fábula de Monteiro Lobato “A corrida de sapinhos<sup>18</sup>”.

Contando um pouco a história dos sapinhos que tinham que subir uma grande ladeira, contudo, ao lado, havia uma grande multidão que dizia que eles não iriam conseguir. Ao longo da fábula, muitos sapinhos desistiram, mas um insistiu na subida e chegou ao topo. O que fica desse pequeno trecho descrito comparado à história de Janderson é que ambos precisam de coragem para seguir seus desejos, serem surdo aos apelos negativos. E o que fica do enunciado do vendedor é que as máscaras não fazem mais sentidos. Impossível aprender a gostar dos saberes, se saberes e fazeres são cenários distantes, evitados e até negligenciados por alguns profissionais da educação escolar. Nisso, penso no que diz Brandão (2012, p.12.):

Desvestir uma educação integral de máscaras em que ela aparece como algo que apenas de leve humaniza e integra valores e fatores de uma educação dominada pela lógica do mundo dos negócios e destinada a reproduzir e reforçar o poder do capitalismo. Desde as práticas do cotidiano, pensar os termos concretos e a prática de educações libertárias, de uma educação em busca de construção de si mesma como socialista, e de seu lugar na construção de pessoas de vocação solidariamente socialista, para a construção de sociedades crescentemente socialistas.

<sup>18</sup> Fonte: [contobrasileiro.com.br/?p=2257](http://contobrasileiro.com.br/?p=2257).

Ainda da conversa sobre as situações vivenciadas por Janderson na escola, penso que esses problemas não fazem mais sentido nesses tempos contemporâneos, no entanto, entendo ser necessário que combatamos uma educação enraizada entre muros e instituições. É preciso conceber uma educação mais difusa e compreensiva.

Voltando a escutar o vendedor, sei que terei grandes surpresas nessa descrição e fico atenta. Ele diz: *A feira é o lugar de fazer amizades e boa convivência. Quando chega comunicado da prefeitura que vai aumentar os impostos, fazemos reuniões procurando resolver o problema no coletivo, mesmo assim, às vezes, uns aceitam e outros não.*

Percebo uma mistura de potência e resistência desse povo e fico pensativa: compreendo a força do grupo, por isso é preciso potencializar os territórios, para que a partir daí, o povo possa propor, debater, pensar no âmbito da micropolítica local.

Continuando a escutar Janderson: *Gosto de participar das reuniões, não posso deixar as coisas acontecerem sem minha participação e quando alguém vem me dizer o que aconteceu na reunião, eu já estou sabendo.*

Tenho reparado que esse participante da pesquisa, volta e meia, fala de questões políticas, começo a querer descobrir porque essa pulsação corre nas suas veias. Logo, percebo que é muito simples: basta olhar em volta a participação dele nos movimentos sociais, seu extrapolar do campo amoroso das relações com seus colegas para, constituir possivelmente táticas de produção de outros desejos.

De novo, recorro a Bhabha (1994, p.20): “[...] esses entre-lugares fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação-singular ou coletiva-que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação”. Por isso, é no enunciado discursivo que essa ação define a ideia de sociedade, sinto em torno dessa ideia de luta o envolvimento do vendedor com a capoeira, afetos próprios de um projeto de vida. Sem que ele pudesse falar de outros assuntos, convido-o a falar da capoeira que no momento faz a sua apresentação e capto essa imagem:

Figura 27: Rodas, sons, territórios



Rodas, sons, músicas, as mãos em movimentos, no toque da imagem: superfícies em antecipação, sintomas...

De repente, começo a entender o que antes intrigava: os símbolos culturais permanecem na feira pela construção de sentidos que encarnam. O acesso ao poder vem da posição de questões de solidariedade em que os grupos lutam por melhorias. E a capoeira sempre esteve engajada nessa comunidade, a sua apresentação na feira é uma expressão de conquista das reivindicações dos movimentos sociais da minoria. Daí, a importância simbólica da capoeira permanecer no meio e fazer parte da história desse vendedor.

Chamo Kastrup (2014, p.197) que diz: “[...] Eles trazem suas experiências de grupo, trazem seus coletivos, seus impessoais para acionar o contato”. Nisso, podemos dizer que a capoeira cria territórios que se avizinham, deixando-nos impregnar. Nesse sentido, não tenho dúvida, e na sintonia com Bhabha (1994, p.21), entendo:

O “direito” de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizados não depende da persistência da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição de se reinscrever através das condições de contingência e contraditoriedade que presidem sobre as vidas dos que estão “na minoria.

Se tão próximos estão os capoeiristas nesse lugar da feira livre, das diferenças sociais, uma tradução cultural já legitimada, está o grupo como signo da invenção da comunidade concebida como projeto de luta, ao mesmo tempo um aspecto de uma construção que transforma afetos, com um espírito de revisão e construção, às condições políticas do presente.

Percebo a relação do povo da feira livre com a capoeira: pela etnia da maioria dos vendedores, pela resistência, pela luta constante, função social desde seu processo de colonização, da sua presença reinscrita na história, são intensidades buscando expressão no lugar que lhes cabe tão bem.

Agora, o corpo vibrátil se intensifica nos movimentos físicos e sociais em que os capoeiristas apresentam. Quero me fazer entender que cultura e educação estão imbricadas nessa atividade, por isso Janderson tem uma ideia: pede para eu entrar na roda de dança, mas não preparei nem o corpo vibrátil, nem o desejo do desejo e recuso, com ar de tristeza, o convite.

De volta, a conversar com Janderson, ele fala da força que o lugar tem em promover boas reuniões, e explica: *Quando é tempo de eleição, os políticos vêm buscar votos na feira, porque sabem que, aqui, encontra representante de associação, de produtores e sindicatos, é o lugar ideal para eles.* Nessa observação do vendedor, me dou conta da força política que emana do lugar, é magnífico. Pondero: quanto mais o povo da feira tem consciência do seu

poder, mais ele sustenta sua proposta política e não se deixa ser capturado pelo sistema vigente.

O mais impressionante é o efeito significativo das ações cotidianas desse povo da feira em criar saberes juntos, para, depois, extrair a sua parte do saber coletivamente construído. Esse modo de produção de subjetividade agrega o poder do desejo, aumenta a potência do corpo vibrátil, converte em força reativa de protesto, de luta pelos grupos da minoria. Atenta a tudo isso vejo do lado a imagem a seguir.

Figura 28: Olhar para fora, ou para dentro



Olhar para fora, mas que se desdobra para dentro, fluxo cotidiano de um recosto na parede procurando conforto da conversa, do instante, do silêncio.

Janderson insiste nesse território, mesmo que ainda não tenha alcançado bons lucros, acha que é o caminho para se produzir desejos, nas relações entre pessoas, nas constantes ações diárias. Entusiasmo-me e quero saber mais sobre as relações desse povo da feira. E ele diz: *Temos mais amizade aqui na feira do que lá fora, aqui todos se ajudam, mas tem sempre aquele que discorda das coisas, entretanto, respeitamos a opinião de cada um.*

A dinâmica do lugar situa-se nessas margens vivas de participação dos vendedores, que vai desenquadrando a feira para outros territórios de mudanças e transformações das culturas e educações nesses tempos de crise de essencialismos conceituais, indo em busca das lutas de força, nos deslocando para um pensamento de reterritorialização.

Continuo a pensar nessa fluidez, característica dos nossos tempos, mas já está na hora de terminar nossa entrevista, porque o vendedor precisa trabalhar. Antes, ele resolve fazer imagens que me diz mostrar bem a feira:

Figuras 29, 30 e 31: Imagens que nos convidam



Imagens que nos convidam, um cheiro que nos direciona, um lugar de presenças. A evidência se desfaz nas frestas da tenda e que nos lança para fora, de pensar em educações, culturas, dos (des) enquadramentos de um novo mundo.

A caminho de casa, prossigo com minhas reflexões acerca dos movimentos presenciados no encontro, um afeto me move para dentro: a luta e resistência dos capoeiristas de encontro a uma tradição recebida. Por isso, faz todo sentido para eles continuarem propagando o movimento na feira livre, com intenção de criar devires de uma micropolítica de reconhecimento, de pensar a capoeira como expressão das culturas, educações e pertencimentos e, como tal postura tem tanta possibilidade de desestabilizar identidades fixas, conduzindo para identidades de diferenças. Colocar-se em uma descontinuidade imperialista de caráter excludente.

Sobre isso, nos diz Veiga Neto (2003, p.04.):

[...] Trata-se de uma virada porque justamente o que parecia tão problemático não passa de um estado do mundo, enquanto aquilo que parecia ser o estado do mundo não passa de uma invenção, de uma ideia inventada, de uma ideia que um dia foi idealmente idealizada.

Deixo-me levar pelo desejo das culturas em movimentos, de dar brechas para uma mudança de atitude, aspirando para as diferenças.

E concludo: os participantes da nossa pesquisa são vendedores absolutamente inventivos, criam afetos políticos que se formam em torno dessas questões de culturas, educações, no mundo das minorias que na fluidez dos movimentos redefinem os lugares e criam novos territórios. É hora de me recolher, para amanhã voltar a cartografar sensivelmente...Mas, antes, capto essa imagem:

Figura 32: Lugares que desenquadram para outros territórios



O que podemos pensar do enquadramento quando é transformado para outros movimentos, sem-pressa, mas que envolve as culturas e educações?

#### 4 QUARTA TENDA: UMA FEIRA DE MUITOS (ENTRE) LUGARES

É chegado o momento de concluir a pesquisa. Devo retomar à nossa questão que desfiou e delineou a construção desta dissertação: O que as imagens e expressões nos dizem dos (entre) lugares impressos nas práticas cotidianas, do povo da feira livre de Jacobina-BA?

Foram muitos fios e desafios tentando trazer em detalhes tudo que percebíamos e observávamos na pesquisa, em companhia dos teóricos e suas perspectivas. Mas há também o povo da feira, na figura dos participantes onde, juntos, montamos a tenda, a fim de indicar os (entre) lugares das culturas e educações que se produzem naquele lugar.

E assim foi acontecendo, sob as narrativas dos vendedores fomos compreendendo o que se arrasta para dentro da feira livre mesclada pelas culturas, a hibridização das linguagens buscando expressões e sentidos, os muitos afetos, capoeira, homens, mulheres, crianças, lugares, movimentos, potências de acontecimentos. Nada foi tão intencional, as cartografias das cores através das conversas e fotos, cartografia das sensações, nos possibilitando entrar/sair do que “definimos” como conhecimento. Os participantes nas intensidades dos desejos tentando resolver os essencialismos fixados no impasse entre passado/presente, admitindo a presença e a participação de forças diversas em que compõem novos territórios, criando, múltiplos sentidos, no que se pode pensar como (entre) lugares.

Na companhia de Bhabha (1998, p. 352), “[...] não devemos simplesmente mudar as narrativas de nossas histórias, mas transformar nossa noção do que significa viver, do que significa ser, em outros tempos e espaços diferentes, tanto humanos como históricos”. É possível transformarmos nossos pensamentos em uma força viva, de elevar a potência das nossas discussões sobre o lugar das culturas e das educações, em devires outros, incorporando tais forças do mundo em nossa subjetividade de outros desejos.

Assim, apreciamos o que revelaram as expressões e sentidos na produção dos (entre) lugares da feira livre de Jacobina. Uma feira (re) inventada pelos movimentos intensos, pelas ações políticas dos vendedores de transformações, pelo instigar de novas presenças no mundo que nos tem posto em crise, pelo pensar uma educação para fora, nos interstícios das diferenças. Problematizamos as práticas cotidianas que são produtivas de transformação na articulação das culturas e das educações, deixando-nos ser provocados pela inquietude intrigada, pelas questões de desigualdades econômicas e culturais, herdadas de um passado colonial.

Para os vendedores, participantes da pesquisa, a feira livre é o lugar que amplia as oportunidades de criação, possibilita uma nova identidade cultural, que, aos poucos, vai se constituindo na força viva dos desejos e na reconstrução das condições políticas do presente.

Resolvemos finalizar com esses questionamentos de Bhabha (1998, p.43) que diz:

[...] Pode a meta da liberdade de conhecimento ser a simples invenção da relação opressor e oprimido, centro e periferia, imagem negativa e imagem positiva? Será que nossa única saída de tal dualismo é a adoção de uma oposicionalidade implacável ou a invenção de um contra-mito originário da pureza radical?

Dito isso, creio deixar evidente, na crônica de cada participante, as suas escolhas de afetos que pedem passagem, e que, todos juntos, expressaram o que significa a feira livre para eles. Este percurso foi uma construção de territórios que desterritorializavam o universal, onde tudo é movimento e força viva que vibra nesses tempos contemporâneos, nada é estático, tudo faz sentido e fica como porta de entrada para avistar novas presenças que nos levam a outros modos de pensar, sentir e inventar o que chamamos de educação.

A feira livre de Jacobina, BA gera novos sentidos e expressões, inventa os (entre) lugares para elucidar as relações entre diferenças, culturas e educações, de um povo que nos fios de sol, nas ações cotidianas lançam um grito, a encontrar outros que tecem uma grande tenda.

Por tudo isso, esperamos que novas presenças se façam nas ideias e desejos de buscar costurar, juntos, na força do pensamento uma colcha de retalhos espaço/contexto que mostre em meio à crise dos novos tempos, que seja um movimento constante de transformações incessante.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Antonio Carlos; GALLO, Silvio; OLIVEIRA Jr. Wenceslao Machado (Org.). *Conexões: Deleuze e imagem e pensamento e...* Petrópolis: De Petrus; Brasília, DF: CNPq, 2011.
- ANDRADE, Elenise Cristina Pires et al. (Org.) *Olhares cotidianos: (re)velam o programa turismo CO2 neutro*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.
- \_\_\_\_\_. *multiTÃO: experimentações, limites, disjunções, artes e ciências*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.
- BARROS, L.P.; KASTRUP.V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014. p.52-75.
- BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Tradução M. A. Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Ed.UFMG,1998.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BORGES, C.L. Carneiro. *Narrativas de vendedores em Feira de Santana: entre a memória e o esquecimento das feiras-livres*. Feira de Santana: UEFS, 2009.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1981. v.1.
- \_\_\_\_\_. *A educação popular na escola cidadã*. São Paulo: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O afeto da terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do bairro dos pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis*. Campinas: Editora da Unicamp,1999.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.
- DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed.34 Letras, 1992.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)
- GALLO, Sílvio. *Deleuze e a educação*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Zahar. Rio de Janeiro, 1973.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 19.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. *Cultura: um conceito antropológico*. Zahar. Rio de Janeiro, 1986. Conhecimento. Educação & Realidade, v. 26, n.1, p.13-32, 2001.

LIMA, T.; CÂMARA, T. *Importância cultural da feira livre para a população do município de Parnamirim/RN*. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, 2009.

LUCENA, T. I. Nobrega de. *Feiras-livres: cidades de um só dia, aprendizados para a vida inteira*. Natal: 2012.

MCLAREN, P. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 2003.

MASCARENHAS, G. Ordenando o espaço público: a criação das feiras livres na cidade do Rio de Janeiro Scripta Nova. *Revista eletrônica de geografia y ciencias sociales*, Barcelona, Universidad de Barcelona, v. 9, n. 194 (62), 1 ago. 2005.

MELANDER FILHO, Eduardo. A Cultura segundo Edward B. Tylor e Franz Boas. *Gazeta de Interlagos*, São Paulo, 13 mar 2009 - 26 mar 2009. História, p. 2.

NEVES, Joana. *A construção de um mundo globalizado*. São Paulo: Saraiva, 2002.

OLIVEIRA, S. de A. *Desenhando a ideia de uma Avenida Feliz: imagens das histórias e memória da avenida Senhor dos Passos, Feira de Santana*. 160 p. Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade) – UEFS, Universidade Estadual de Feira de Santa, 2013.

PAIM, Márcia R. *Do sete São Joaquim: o cotidiano de “mulheres de saia” e homens em feiras soteropolitanas (1964-1973)*. 151 p. Dissertação (Mestrado em História Social) – UFBA Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005

PACHECO, Larissa P.B. *Trabalho e costume de feirantes de alimentos: pequenos comerciantes e regulamentações do mercado em Feira de Santana (1960/1990)*. 194 p. Dissertação (Mestrado em História) – UEFS, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2009.

PONTES, A. A. Marinho. *Em meio a conversas: Experiências nas Relações Cotidianas numa feira livre de Aracaju*. 128 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social do Centro de Educação e Ciências Humanas) – UFS, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2012.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2.ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2004.

SANTOS, H. R. dos. *Vidas nas fronteiras: Práticas sociais e experiências de feirantes no Recôncavo Sul da Bahia/ Santo Antônio de Jesus (1948-1971)*. 234 p. Dissertação (Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional) – UNEB, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2007.

SOUSA, P. M. *Feira do Bosque: espaço para construção da identidade cultural de Palmas*. Tocantins: BOCC. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, v.1, p. 1-12, 2011.

VEIGA-NETO. *Cultura, culturas e educação*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, v. nº 23, maio-ago, 2003.

WUNDER, A. *Foto quase grafias, o acontecimento por fotografias de escolas*. 127 fl. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

## ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Luzineide Vieira de Sousa, acadêmica do curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), matriculada sob o nº 13145017, e orientação da professora Dr<sup>a</sup> Elenise Cristina Pires de Andrade, venho através deste solicitar a sua participação na pesquisa científica que tem como tema: TENDAS DE UMA FEIRA: EXPRESSÕES E SENTIDO NA PRODUÇÃO DE (ENTRE) LUGARES EM JACOBINA, BA. A pesquisa terá início em Março de 2014 e término em julho de 2016. Toda alteração de datas será previamente informada aos participantes. Espera-se que a partir dessa pesquisa, possamos indicar/apreciar os (entre) lugares produzidos no espaço da feira livre de Jacobina/BA. Para a realização deste trabalho, eu, pesquisadora, necessitarei registrar fotos, as entrevistas, escrevendo e/ou gravando-as. Caso você não concorde em oferecer algumas informações para a pesquisa, por serem confidenciais ou por gerarem algum constrangimento, eu me comprometo a não registrá-las. Todo o material produzido durante os depoimentos será guardado pela pesquisadora por um período de, no mínimo, três anos.

Esclareço ainda que será garantido o sigilo quanto aos dados de identificação dos participantes, salvo por autorização expressa, em documento específico para este fim. Os participantes têm o direito de retirar seu consentimento a qualquer tempo, sem nenhum prejuízo. Desde já me coloco à disposição para esclarecer dúvidas, antes, durante e após a realização deste trabalho.

Se você concorda em colaborar com o trabalho que acabo de mostrar, assine comigo este termo de compromisso, em duas vias. Uma dessas vias é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de você se recusar a participar, não será penalizado de forma alguma.

Caso você queira entrar em contato comigo, a qualquer momento, estarei disponível nos telefones (74) 91168427 (celular), ou no endereço: Rua 13 de Maio,113 Bairro da Serrinha, cidade Jacobina- BA

Feira de Santana: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.

Participante:

---

Pesquisadora: Luzineide Vieira de Sousa

---

## ANEXO B – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA



### UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

#### ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA:

A feira livre tem várias atividades. Quais as que você destacaria? Por quê?

Caso você precise apresentar a feira para alguém que não conhece, como seria?

Como você veio parar na Feira? E por que você ainda continua na Feira?

Você vê alguma coisa de diferente nessa feira, que as outras feiras de outras cidades não têm?

Dos momentos que você já viveu na Feira até hoje, tem alguns que você destacaria? Por quê?

Que imagens você escolheria da feira para fotografar?